

UMA HISTÓRIA DE AMOR À PROCURA DE UM FINAL FELIZ

Ama-me Leão Magno



Lueji Dharma

Uma História de Amor à Procura de um Final Feliz



Autor: Lueji Dharma

Sou o que sou. Não mudo de caminho ou direcção.
Não corro mas deixo correr. O que me interessa é viver.
Adoro amar sem condição. Peço desculpa e exijo perdão.
No fim de contas, escolho sempre o tudo ao nada.
Para grandes males grandes remédios!
Nada como o tempo e uma boa gargalhada.

Gosto das contradições mas liberto-me das tradições.
Antes o silêncio que meias verdades.
Faço amor e dou-me por perdida. Adoro ficar cansada.
Luto com garra e nunca me dou por vencida. Sofro e faço sofrer.
Sou guerreira por natureza. Vulnerável e felina.

Sou apaixonada, doce e feliz. Uma mulher de sonhos!
Sou amiga, menina e moça. Uma criança qualquer...

Dou tudo, tudo, tudo! Tudo mesmo!
E recebo muito, muito, muito! Muito mais...
E tudo faz sentido porque acredito no Amor.



Lueji Dharma





Coincidências

Experimento pela milésima vez o vestido de noiva cuidadosamente escolhido, a pedido da minha irmã e prima. Fazem questão de viver comigo a minha última noite como solteira. No cabelo preto ondulado, um conjunto de flores em tons lilás e rosa. As mesmas flores, estão majestosamente bordadas num vestido em tons de pérola, cujo espartilho aumenta a silhueta ondulante do meu corpo. A saia do vestido cai como os vestidos de donzelas de outros tempos, num conjunto de folhos pouco exagerados. Sou naturalmente dada à simplicidade. No antebraço uma bracelete de diamantes, herança da tradição, confere requinte mágico ao meu momento de princesa.

— Estás linda! E ainda por cima vais casar com o Rodrigo, um político de sucesso! Um belo pedaço de céu capaz de fazer delirar qualquer mulher. Cantarolou a minha irmã.

Já me esquecia do sucesso que a beleza do Rodrigo faz no sexo oposto. Rodrigo alto e musculado, ostentava um cabelo doirado farto. A tez queimada pelo sol, resultava num bronzeado típico de quem *surfava* as ondas da praia do Guincho. Namorar um homem charmoso, chegava a ser frustrante, embora nunca tivesse sofrido de ciúmes; Talvez, por essa razão, a relação tivesse resultado no largo tempo do namoro de ambos. As outras namoradas acabavam por se cansar dos assédios constantes, e acabavam exauridas pelo ciúme e pela falta de confiança.

— És uma sortuda, ele é uma perdição e só tem olhos para ti! - confessava Safira num suspiro colegial. Os vinte e dois anos e nenhum namorado, faziam-na continuar a sonhar com um príncipe encantado.

— Para além de lindo é romântico, atento, preocupado, carinhoso e um bom amante — afirmo enquanto levanto uma taça de champanhe. E eis que, para meu espanto, descubro nas mãos da minha irmã o meu relicário de prata.

— Tamara já te pedi vezes sem conta para não mexeres nesse baú. Eu gosto de o manter escondido, não o quero aqui à mão de semear.

— Mas prima, a surpresa de hoje, é partilhares connosco o que tens dentro deste baú. Sempre tivemos curiosidade, e acho ser hoje um dia ideal para deixares os segredos para trás. Não poderás concerteza levar esta caixa cheia de segredos para o lar que queres criar com o Rodrigo. Pois não? Ou não são segredos? Mas se não fossem porque escondes a chave?

Um arrepio frio percorre-me a espinha enquanto o champanhe teima em queimar-me a garganta e invadir o olfacto. Reparo nos olhos curiosos e perplexos de ambas. Como esconder algo de duas mulheres cuja curiosidade foi aguçada?!

— Não quero abrir esse baú! — reclamo. — Não quero revelar esse segredo esquecido. Não quero desenterrar o passado! — soluço enquanto me correm as lágrimas dos olhos.— Não devias ter ido buscar esse baú! — afirmo



Lueji Dharma

amedrontada para espanto de ambas. Apercebem-se do meu nervosismo. - Peço desculpa! Mas há certos segredos, que devem permanecer por revelar. Transportava um desses mistérios no meu relicário. Por vezes até acreditava nunca ter existido. Mas sempre que abria a porta do passado lembrava-me saudosamente dele. Dói abrir a ponte entre o futuro, presente e passado. Dói mesmo. Há feridas que nunca se fecham, como esta cicatriz gravada com um bisturi no meu pulso. Agarro o meu silêncio no ar enquanto engulo as palavras. Ali morria a alma do amor, e por lá devia permanecer sepultado. No corpo o peso de um colar onde todos os dias carrego a chave desse relicário de prata cheio de brocados dourados.

— A chave! Sempre me perguntei que segredo encerrava essa chave — diz Safira a confirmar a dúvida.

— É a chave do baú, não é, Lueji?

— Não, Tamara, é a chave do meu coração! E tens toda a razão, eu não posso iniciar uma vida com o coração preso nesse maldito e saudoso relicário.

— Vamos sentar-nos todas e prometer guardar segredo desta conversa. Lueji, vais ter de te abrir e partilhar esse segredo. Revela-o para que possas por uma pedra sobre o passado e iniciar uma nova fase da tua vida. O matrimónio!

Na minha alma um vendaval de emoções barafustava, debatendo em diálogos internos o mistério do Amor. - Depois de aberta a porta será possível regressar? Valerá a pena soltar esse sentimento aprisionado? Oh Lueji, já pensaste se todos abrissem os seus baús e deixassem voltar aos corpos o prazer de amar?! Oh Lueji! Recua...

As mãos trémulas de Tamara entregam no meu colo o baú, que a ranger parece protestar contra a invasão de privacidade. Sacudo o pó dos álbuns e dos diários e, sentada, viro as páginas do passado. As lágrimas brotam-me dos olhos no desfolhar do livro da vida, onde me vejo menina e moça plena de sonhos. A escola, a adolescência passada na praia, a universidade, os trabalhos, a família, os amigos, uma vida repleta de momentos de alegria e tristeza. Uma vida de desejos e fantasias, de conquistas e derrotas, de ilusões e desilusões, de amor e ódio, de raivas e paixões.

— Não me arrependo de nada, e farto-me de rir das minhas aventuras e desventuras.

— Então o que encerras aqui são álbuns? E nós convencidas de algum segredo relevante. Desiludiu-se Tamara, habituada a fantasiar sobre o conteúdo daquele baú.

-Que desilusão Lueji! - constatou Samira baixando os braços, e engolindo a tristeza num gole de chá quente. Eram fotos? - disse a soprar o chá quente, que lhe queima a língua. Ah! Vou mas é buscar mais bolachas de chocolate.

— Não lindas - disse para gáudio da invasão de privacidade. O maior segredo é este livro que aqui guardo. Preocupada com a desídia, nunca tive a coragem de o publicar. Reparou que os ânimos se ergueram. Samira recuou num passo apressado da cozinha para a sala.



Lueji Dharma

— «Uma história de amor à procura de um final feliz» - É este livro que escondes? - sorriram ambas. Afinal sempre havia um mistério - sussurravam num contentamento indizível.

— Sim - murmurei a vacilar num tremer febril de quem não quer voltar a reencontrar o passado. E muito menos as personagens desse passado.

— Mas porquê esconder esta história?

— Porque não teve um final feliz - confessei invocando a tristeza para o meu colo. Conta o desencontro do grande e único amor da minha vida!

— Não pode ser, tu amas o Rodrigo! Não amas? Vais-te casar com ele amanhã e não o amas? - arqueava as sobancelhas Safira sempre crente em casamentos felizes.

— Não pode ser verdade, temos a certeza do vosso amor - exclamou peremptoriamente Tamara. Triste por as desiludir, confessei-me:

- Só no recatado leito da intimidade pode alguém saber a diferença entre amizade, desejo, paixão e amor. E, por vezes, até vivendo nessa intimidade, existem dúvidas. Afinal, o que é o amor? Ausentes, do meu discurso retórico, Tamara e Samira agarravam-se ao livro:

— Tamara lê a primeira página. Lê lá! para vermos que tipo de história de amor é esta!

— 11 de Abril de 2008...

— É engraçado o livro iniciar a 11 de Abril, o dia do teu casamento; amanhã! Só difere o ano, pois estamos em 2009. Interrompeu Safira assemelhando-se a uma inspectora detectando pistas na cena de crime.

— Foste tu quem escolheu a data? - coadjuvou Tamara interrompendo a leitura.

— Não, foi o Rodrigo - confessei para a incredulidade de ambas.

— Mas porque comesas então com o 11 de Abril? - perguntava Samira repousando o olhar inquiridor no meu rosto

— É o dia de anos do homem da minha vida, e por coincidência o dia em que nos conhecemos e o dia do meu casamento... amanhã!

— Que coincidência!

— Pois é, há quem diga que não há coincidências mas sim os anjos a revelarem-nos segredos — diz Safira, com os olhos brilhantes e emocionados enquanto pede a Tamara a continuidade da leitura da minha história de amor.

— É melhor irmos buscar mantas porque a noite promete ser longa. Só saímos daqui a saber a história toda...

— Mas caso-me amanhã...

— Não faz mal, lá estaremos todas. Está tudo preparado!

— É só uma directa! E amanhã temos de investir mais na maquilhagem, para disfarçar as olheiras...

Assim como assim, estava desfeito o mistério. Sobrava apenas a curiosidade pelos detalhes. Como, aonde, quando, quem e porquê suspendiam Samira e



Tamara, no fio condutor de uma história. Já não se questionavam se verdadeira era? Acreditavam piamente, que toda aquela história comigo se tinha passado. Será? Como prender leitores senão relatar experiências também por eles vividas? Mas mais importante, como defender o amor, sem fazer crer ao leitor que também o autor já padeceu desse mal maior?

Histórias de amor dizem-se ridículas, assim como as cartas. Mas quanto mais observo o mundo em volta, mais sinto os homens desejosos de viver um grande amor. Entregar-se de corpo e alma à tal alma-gêmea. Porém, num mundo de canalhas e interesses, muitas vezes, absurdo é acreditar no amor. Vejo mulheres perderem-se em ataques infâmes a amantes de maridos infiéis. Vejo infidelidade grassar como erva daninha no mal necessário do casamento. E o amor esvai-se em dores de um parto atroz. Até os homens, neste capítulo conseguem fazer nascer filhos. E neste capítulo do amor, não há cor e não há raça, todos amam, todos sofrem e todos se ficam na margem entre o canalha e o amoroso.

E aqui, vos apresento uma história de Amor à Procura de um Final Feliz. Uma história eventualmente minha, ou de qualquer outro que já tenha optado por caminhar no desfiladeiro do amor. Sem medo, com medos numa cruzada com contra-cruzadas de uma Madalena imberbe, inocente, apaixonada nas mãos de um... vá-se lá saber que nome dar...

11 de Abril de 2008

Agora que passou um ano desde a primeira vez que te vi, regresso a este mês num derradeiro esforço para reescrever a nossa história. Gostava de escrever um final feliz. Mas no leito da minha dor todos me dizem ser impossível, porque não me amas. E há quem me grite ao ouvido: «a vida não é só finais felizes! Acorda! Achas que ele te dedicaria um livro?!» - perguntam-me numa ironia cortante. E sem saber porquê, respondo com toda a confiança de uma fé inabalável:

— Sim! Ele era capaz — sinto amor na caminhada sem provas. Como antigamente os amantes escreviam cartas que, desesperadamente, introduziam em garrafas lançadas ao mar, na confiança cega do destino se encarregar de entregar à alma certa. Assim, escrevo este livro revelador do amor que nutro no solo fértil do coração; e para iniciar, nada como voltar a este mês de Abril do teu aniversário. Foi neste mês de lágrimas mil que os deuses se reuniram para me lançarem o feitiço do amor! Decidiram oferecer-me como tua mulher, sem me consultarem. Os deuses devem estar loucos! E tu? Marcaste-me, assim que me viste? Sabias que ia ser tua? Ou serei a tua mulher? Sabes isso? Por acaso tens a resposta? Agora, regresso a este mês de Abril e lágrimas mil a tentar reescrever esta nossa história de amor. Recuo o

Lueji Dharma



tempo, no folhear da memória! Se me amas verdadeiramente levanta os olhos quando entro. Mas se me queres simplesmente magoar, mantém-nos preso ao papel e não me perturbes! Fecha os olhos enquanto entro na tua sala. Não os levantes nunca. Não me vejas. Deixa-me sair como entrei! Deixa-me sair como entrei!

– Antevejo um tragédia - riu-se Tamara para Safira. Deixa-me sair como entrei?

- E saíste como entraste? - perguntou Safira apertando o cabelo num puxinho. Descobrimo a nuca ao sabor fresco do ar. A história deixava-a afogueada.

– Claro que não! Ele montou-me uma armadilha onde intencionalmente eu caí.

– Intencionalmente?

– Sim - ri-me, em todo o processo nunca perdi a consciência. Espera, minto, só quando fui anestesiada...

– E foi bom?

– Foi delicioso, foi excelente! Pela primeira vez na minha vida senti-me completa e finalmente entendi o conceito de alma gémea. Pela primeira vez na vida entreguei-me por completo e amei de verdade.

– Então valeu a pena?!

– Já me fiz essa pergunta milhares de vezes... e aqui perante vocês tenho de confessar que valeu a pena porque percebi a dimensão do desejo, paixão e amor!

– O Amor engrandece! - suspirou Safira, antevendo o tempo de viver o seu grande e eterno amor.

– Sim, quando descobres o amor verdadeiro passas a acreditar que podes conquistar o mundo. Que a vida é uma tela colorida que todos os dias escolhes pintar nas cores que queres.

– Mas como se conheceram? Quem é ele? Como te cativou? - apressou Tamara numa tentativa de descortinar o personagem principal.

– Conheci-o num hospital...por causa de um quisto que tive no pulso. E antes de o conhecer sentia, claramente, que esse quisto era somático. Sentia ser o meu inconsciente a empurrar-me para a necessidade de viver uma vida plena; a acreditar no amor, mas *Oh God!* Era tão difícil, pois quase toda a gente me gritava: sonhos, amor, alma gémea...cresce! Isso não existe! E eu a balançar, na dúvida entre a realidade e o sonho, abri as portas ao caos! Ou seja, para a estrondosa entrada de Leão Magno...

O Dia em que te conheci – 11 de Abril de 2007

A tua voz rouca anunciou o meu nome vezes sem conta. E eu enfiada na casa



Lueji Dharma

de banho saí a correr. Mas demasiado tarde. O meu atraso parecia ter-te deixado mal humorado. E por isso, entrei na tua sala timidamente, não te queria dizer que estava no W.C. Pediste-me, num tom monocórdico que fechasse a porta e tomasse assento numa das tuas cadeiras desconfortáveis. E, sem retirar o olhar do computador perguntaste-me:

— Boa tarde, o que a traz cá? — e antes de iniciar a resposta, confirmei o teu nome:

— É o Dr. Rodrigo Leão? — e sem perceber porquê irritei-te mais uma vez.

— Não! Sou Leão Magno — rugiste fazendo-me encolher medrosa na cadeira.

— Falhei apenas um nome — balbuciei numa tentativa vã para te animar.

Mas tu não te riste, nem mostraste um pequeno sorriso.

— Leão Magno? Os seus pais foram extremamente criativos...não é um nome fácil.

— Pois é. Mas gosto muito. Mas diga lá, o que a traz cá?

— É este quisto que tenho no pulso.

— É bem grande esse alto, há quanto tempo o tem? - indagou desconfiado do tempo que levei a chegar até ele.

— Há muito tempo, mas agora incomoda-me e por isso decidi fazer qualquer coisa.

— Não a vou magoar. Dê-me a sua mão. Fez muito bem em vir à consulta. Mas já está enorme...vamos ter de operar, e devido à dimensão terá de ser com anestesia geral!

— Com anestesia geral? — perguntei assustada enquanto tirava a mão da tua mão.

— Sim, algum problema?! Pode expor as suas dúvidas, está à vontade — disseste, procurando novamente a minha mão para voltares a tactear o pulso.

— Nenhum problema — balbuciei, enquanto me enchia de terror. Só tenho medo de agulhas, de sangue, do cheiro a morte dos hospitais. Só isso! Penso enquanto te vejo movimentares-me a mão freneticamente.

— Dói se eu fizer isto?

— Não!

— E se fizer assim?

— Não, não dói. Apenas incomoda.

— Tudo bem, não é nada de grave. Vamos marcar para dia 17 de Abril. Pode ser?

— Pode... — disse, enquanto pegava na mala para me levantar. Mas tu mandaste-me sentar novamente:

— Ainda não terminamos, preciso que faça estas análises descritas nesse papel. E já agora, o que faz?

Olhei em redor, não me apetecia responder. Não me sinto realizada na minha profissão. Não gosto que me vejam como uma burocrata. Apeteceu-me chocar-te e dizer-te uma profissão sem nexos. Paraste-me os pensamentos, para sarcasticamente insistires:



- Esqueceu-se do que faz?
- Não! Sou jurista!
- .Aonde?
- Num instituto público.
- Riste-te do meu pouco à vontade e do meu encabulamento.
- Então prepare-se porque vai ter de ficar em casa, de baixa! E quando vier para ser operada traga as análises descritas nessa folha. Hoje é a minha última paciente. Não atendo mais ninguém, estou com pressa, faço anos e quero aproveitar para fazer algo diferente.

- Ah, Parabéns! Aproveite o seu dia... ou resto de dia - concertei, confesso não ter jeito para felicitações cerimoniais. Levantei-me, atordoada com a certeza da minha primeira operação anestesiada. Deixei cair as folhas das análises e tu riste-te do meu jeito desajeitado. Saí da tua sala e percorri o imenso corredor que dá para a rua. E, silenciosamente, seguiste-me sem que eu me apercebesse. Pressenti-te ao descer as escadas. Olhei para trás, e do alto dessa pequena escadaria senti medires-me os passos e o corpo. Duvidei do meu instinto. Sorri... um homem daquela idade com tamanha responsabilidade! Que parvoíce! Estavas simplesmente a falar ao telemóvel, era só isso, pensava enquanto lia no papel a data da cirurgia. Agora, paro o tempo neste momento. Tu no topo das escadas de bata vestida e telemóvel na mão e eu no fundo dessas escadas a olhar para trás! Pare o tempo, se faz favor. Pára de falar! Pára tudo! Quem me mandou olhar para trás? Quem te mandou a ti seguires-me os passos? Recua, fica na tua sala. E eu prometo que não olho para trás. Não quero que me cristalizem em estátua de sal como a mulher de Jó. Deixa-me seguir livre de qualquer amarra sentimental.

- Ele interessou-se logo por ti? - questionou Safira pensando as circunstâncias daquele momento.
- Acredito nessa possibilidade. De início neguei-me a acreditar, mas a certa altura cansei-me de lutar contra a minha vontade.
- Como assim?
- No início fiquei muito relutante...mas depois deixei-me ir. Com ele sentia-me feminina, bonita e interessante. Reforcei a gravidade da minha voz e: Digamos ter-se dado a lapidação da feminilidade no meu corpo de mulher.
- Com um bisturi consegue-se milagres; grande Leão Magno - riu-se Tamara secamente, revelando uma certa raiva aos Leões Magnos da vida.
- Foi um milagre ele ter conseguido conquistar o meu coração. Até à data não havia sido contaminada por paixão ou desejo...
- Mas prima, foste operada ou não?
- Fui, não vês a cicatriz que ele me deixou no pulso?



Lueji Dharma

— Recordo-me dessa operação. Lembro-me de te ter vindo visitar e te encontrar feliz. Realmente depois de uma operação tanta felicidade, devia ter desconfiado.

- Que história...que história! Parece uma fantasia a ganhar forma! - emocionava-se Safira com os olhos mareados.

— Desta vez, não havia medicamentos milagrosos, mas apenas o corte do bisturi. Uma pequena intervenção cirúrgica para remover o mal, com direito a anestesia geral. Ainda pensei em desistir, e manter o nódulo agarrado a mim, mas logo vi não ser solução.

— Tinha de ser! Estava destinado. Não tinhas como fugir mais... desabafou Tamara ajeitando o livro para perto do corpo.

17 de Abril – A cirurgia.

Levantei-me bem cedo em jejum, como me exigiste. Eram nove horas quando entrei no hospital em direcção à sala de ambulatório. Na sala uma enfermeira loura e de olhos azuis, muito meiga e carinhosa, recebeu-me como se fosse um amigo de longa data. Chamava-se Luísa e tinha um sorriso delicado e rasgado. Explicou-me todos os procedimentos da operação. Pediu-me que despisse a roupa, tirasse os acessórios e o meu anel de noivado. Vesti a bata e os chinelos.

Deitei-me na cama para ver enfiarem uma agulha na veia. Senti o soro a fluir lentamente em mim, enquanto esperava a ida, para a sala de cirurgia. Passou-se a manhã. Li e reli as notícias da região. Entretanto fui conhecendo as enfermeiras de outras salas, alguns médicos e enfermeiros que vinham cumprimentar. Notei em todos uma boa disposição inata. Que engraçado tanta boa disposição num hospital, que sempre julguei frio e inóspito; mais tarde a filha e o filho da enfermeira apareceram para uma visita. Foi um rodopio naquela sala, onde eu, agarrada ao soro, esperava por ti.

A falta de um livro impacientava-me! Tentei, em vão, dormir, mas a ânsia de te ver aumentava no correr lento do tempo. Passaram-se horas, até que às quinze, finalmente, lembraste-te de mim. Escusado será dizer que já estava mais do que esgotada. E, por essa hora, já a ansiedade tinha tomado conta de mim.

Levaram-me por entre corredores e elevadores deitada numa maca. Chegado ao piso da cirurgia, deixei a simpática Luísa para ser levada por outras enfermeiras, que me deixaram num corredor à espera de entrar na sala da cirurgia. E foi quando vindo sabe Deus de onde apareceste tu a falar para um

Lueji Dharma



colega (enquanto fazias algo que prefiro não descrever). Viste-me e paraste. Dirigiste-te imediatamente a mim.

– Então já tiraste uma foto? – perguntaste a rir.
– Uma foto? Qual foto? – retorqui encabulada enquanto permanecia deitada na maca. Por mais que procurasse, não encontrava nexo na pergunta!
– Uma foto ao quisto! - referiu pegando-me na mão.
– Não, não tirei – respondi-te assertivamente. Confesso não sentir alguma vontade de falar ou de rir.
– Mas devias, não é todos os dias que se está perante algo tão monstruoso. Oh, Ricardo anda ver este quisto enorme! - disseste divertidíssimo para o teu colega. Esbaforida, e aquecer numa raiva passageira, pensava: «Este homem só pode estar a gozar...a tratar-me como se fosse uma cobaia ou boneco de experiências. ».

– Monstro és tu! - sussurrei de forma imperceptível. Lancei-te um olhar irritado, pedindo o vosso afastamento. Fingi estar nervosa, ou alterada, a roçar má educação e mau humor com toda aquela situação. O meu nervosismo era, sem mácula de dúvida, pela tua presença. Sentia-te, cheirava-te e começava a ficar apaixonada. Enganado pelo meu ar afogueado e confuso ofereceste-me um calmante no soro. Um calmante, um sedativo ou uma ilusão. Não sei definir! Ainda me lembro de me perguntarem se me sentia melhor. Meu Deus! Se me sentia melhor?! Estava nas nuvens de tanta leveza! O mundo abria-se maravilhoso aos meus pés. O sorriso voltou ao meu rosto pálido da espera. Levaram-me para a sala mágica onde a saúde regressa aos corpos dos homens, o centro cirúrgico. Enquanto o olhar se perdia, num sem número de instrumentos de tortura, e luzes ofuscantes, vi-te nos pés da cama a desaparecer numa neblina incolor e inodora.
- Vais-te sentir sufocar, não te assustes, é apenas a anestesia a fazer efeito. Deixa-te adormecer - Obediente senti o ar fugir-me do peito e o cérebro a apagar-se rapidamente. E se não acordar, ainda pensei, a tentar reconhecer-te na nuvem de fumo onde sabia estares.

– Oh prima está uma história linda! Parece um daqueles romances da Audrey Hepburn em Paris...
– Não sei se posso ir tão longe, mas vivi com animação estes dias. Tudo era interessante - confessei saudosamente.
– Um intervalo lindas, vou trazer um chá preto e biscoitos para a sala... temos que nos manter acordadas.
– Sim, não durmo sem descobrir o final...
– Vá, sirvam-se de chá, para continuarmos a ler. Estes biscoitos de manteiga são uma delícia.

Lueji Dharma



– Agora leio eu, Tamara...tu já estás cansada - reforçou Safira, puxando o livro para as suas mãos.

17 de Abril – Acordar da cirurgia.

Acordei a gritar, queixando-me de dores e sede. Molharam-me os lábios com uma compressa embebida em água. E, a acordar do meu sono profundo, vi-te na cabeceira da minha cama. Tentei controlar o meu ser anestesiado para não fazer nada de absurdo ou ridículo. E, *voilà*, estupidamente, saiu-me:

– Correu tudo bem? - perguntei formal a controlar o corpo anestesiado e frio.
– Sim, correu – garantiste-me com assertividade masculina e profissional.
– Doutor, tenho muitas dores! Acha que estou com dores? – e tu riste-te alto, para toda a gente ouvir.
– Ainda não acordou! Está a perguntar-me se tem dores? Vou ver outros pacientes, e regresso a ver se a encontro acordada.
Vi-te afastares-te no teu uniforme verde-azulado. E pedi medicação para as dores. Reparei no braço engessado, mas afinal o que me fizeste tu?
Demoraste alguns 15 minutos e regressas-te à minha cabeceira, para me assegurares do sucesso da intervenção; informaste-me dos cuidados a ter, para me dares ordem de soltura.

– Agora, depois da alta hospitalar, como se voltaram a encontrar?
– Tive várias consultas após a operação. Algumas até acredito terem sido pretexto dele para me ver.
– Mas ele parece sempre tão frio e, ao mesmo tempo, os actos dele demonstram carinho e preocupação. Goza contigo mas depois espera à cabeceira da tua cama que acordes.
– Começa a ter ares de safado esse Leão Magno. Confesso sentir já um certo incómodo.
– Ele é estranho; o meu eterno quebra-cabeças!
– Estranho canalha, acredito mais nisso.
– Mas, em todo este tempo, ainda não sabemos como era ele. Descreve-o lá...
– Ele era alto e moreno, careca e com 47 anos.
– 47 anos?
– Mas isso é bastante mais do que tu...



Lueji Dharma

- Que queres que te diga, a paixão tem destas coisas. Eu também quando o vi nunca pensei que ele fosse atraente, até pelo contrário. Mas algo estranho me cativou.
- Mas tu a gostares de um careca cinquentão? - riu-se Tamara. Sempre te vi fugir desse tipo de situação...
- Tinha charme e inteligência - tentei justificar. E gostava das mesmas coisas que eu. Era o homem da minha vida. E, agora, para mim é o tal.
- Mas mana, há uma coisa que não percebo. Sempre namoraste...como podes dizer que só começaste a amar aos 30 anos. E os outros? Como pudeste nunca ter amado?

Como me escapei de amar?

Não sei responder como pus freio a todos os meus sentimentos? Como camuflei o meu EU? Até sei, mas prefiro esquecer. Custa recordar os anos de anulação, de imposição de um eu que tinha de fingir ser. Restavam-me os momentos em que chegada do colégio me fechava silenciosamente num quarto, para ler e reler todos os livros que assiduamente trazia da biblioteca. Lá em casa a palavra amor nunca era pronunciada. Imperava uma austeridade imponente e injusta camuflada de ética religiosa.No meio deste seio familiar perdi-me, e deixei-me ser a filha estudiosa e apagada, desprovida de qualquer personalidade.

Assim como assim, esvaziada de qualquer amor-próprio, com as costas curvadas, os olhos remetidos para o chão, o cabelo sempre apanhado num puxinho, a voz baixinha para não incomodar, como poderia eu amar alguém na verdadeira acepção da palavra amor? Apenas queria alguém como eu, que partilhasse as mesmas frustrações e os mesmos medos, para que assim, não tivesse que explicar a minha falta de gosto pela vida, a minha ausência de prazer, a minha incapacidade de apreciar a praia e as férias, a minha loucura para alcançar a segurança, o meu empenho em fazer crescer um império de segurança e o meu desinteresse em parecer mulher.

Mas em sonhos, adormecidos no inconsciente, imaginava encontrar alguém que me arrebatasse, e me fizesse querer percorrer o mundo com uma mochila nos ombros; e numa versão mais coquete, ir semanalmente ao cabeleireiro e à manicura. No fundo queria amar. Pensando, no entanto, já amar.

E como quem desconhece, não sabe, vivia numa prisão disfarçada. E assumo as culpas das opções, e peço desculpa por nunca me ter dado o direito de ser. *Desamor* apelidavam-me, retirando a confissão de verdade ser em doces lágrimas. «Sai da sombra, assume-te como és, mesmo que te meta medo. Não



te importes, com os outros», ouvi algumas vezes. «Quem ama quer acima de tudo a felicidade e a liberdade de ser».

- Uma casa fria gera desamor - constatei vagarosamente e com pesar.
- Pois era. À exceção da música, do cinema e dos livros, que mais tínhamos nós? - reforçou Tamara, a forçar a memória a não entrar no passado.
- Tudo, só isso! - sorri tentado não cair na ingratidão. Tínhamos tido tudo o necessário... Amor, realmente sempre faltou.

Porque apareceste?

Oh Leão, como foste aparecer? Eu tinha uma vida tão rigorosamente organizada. Uma vida tão adequadamente adaptada à rotina. E tu deste-me a volta com esse teu jeito convencido, esse teu ar confiante e esse teu sorriso de criança. Na consulta seguinte, disseste-me que eu era distraída. E eu perguntei-te, disfarçando uma ofensa inexistente:

– Porquê que me diz isso?

E tu calaste-te... e a rires-te, balbuciaste:

– Porque você não vê nada.

Sem jeito, entendi a mensagem enviada nas entrelinhas. E calei-te com o meu olhar encabulado que te pedia para não avançares mais. Mas tu sem te preocupares com a vermelhidão do meu rosto insististe:

– É casada?

– Não! E você? — perguntei-te à espera de te obrigar a dizer, sim. Pois, porque tinhas de ser casado. E a história deveria morrer ali.

– Não; sou divorciado... e gostava de a conhecer melhor!

– Conhecer-me??? Para quê?

– Para sair consigo... — disseste a rir. — Você é sempre assim desconfiada? É que esse olhar atónito revela muito!

– Não! Só fico surpreendida com esta sugestão. Mas tenho de ir, ainda vou trabalhar...

– Fique com o meu número e dê-me o seu... aliás, tenho-o aqui, na ficha. Posso ligar-lhe?

– Acredito não ser recomendável! — respondi-te desajeitadamente. Tudo isto me fazia confusão. Eu não podia envolver-me contigo. Não fazia sentido. Não eras giro, eras bem mais velho...o que poderia desejar em ti???

– Realmente, não percebo o que vias nele! Talvez o sentisses como uma figura paternal?

– Não! Não foi nada disso. Foi antes a certeza de ter descoberto alguém que eu conhecia por inteiro sem saber porquê. Sabia dos seus medos, das suas paixões, dos seus interesses e admirava-o; e tudo isto sem saber porquê?

– Como se ele já tivesse sido teu amante, talvez numa outra vida? - entusiasmou-se Safira, a pensar nas teorias da reencarnação.

Lueji Dharma



- Sim... balbuciei sem conseguir descrever o sentimento assolado na presença daquele Leão Magno.
- Mas só noutra vida — riu-se Tamara.

Esqueci o diálogo para me refugiar nas memórias de um passado. Seria difícil explicar aquela onda de sentimentos estranhos. Algo superior, parecia forçar junções de almas. E sem saber como, até o medo, parecia consumido no fogo de uma química transcendente. Perante ele, nem cautelas ou receios, apenas um sentimento assombroso no avanço e recuo da relação. Sentia, no fundo da alma, ser aquele o caminho para o grupo dos desalinhados e amantes. Oh! que inebriante enigma o das emoções.

Ligaste-me pela primeira vez

Rafastelada no sofá, ao som crepitante de uma lareira acesa, via televisão. Lá fora, o frio assolava a noite, agigantado por um vento forte. O relógio tiquetateava as onze horas e as notícias davam conta de um cenário de neve por toda a Europa. O telemóvel vibrou e tocou aflito desconfiando de uma chamada fora de horas e incomum:

- Então que anda a fazer a estas horas? - ouvi a tua voz rouca perder-se num interior desconhecido. E num eco ensurdecedor, agitava ondas de mim.
- Estou em casa a ver televisão...com o pulso assim não posso fazer muito — reclamei sem qualquer pingão de raiva. — E estou a colocar o gelo como disseste.
- Talvez precisas de uma atenção reforçada. Queres que vá aí?
- Não. Não quero! — Confesso que me irritaste com essa tua pressa.
- Porquê? Só quero ir ver a minha paciente. Tratar de ti. Estás sozinha?
- Sim, estou- disse secamente, procurando evidenciar o desconforto daquela situação.
- Deixa-me ir aí. Não entro em tua casa. Ficamos no carro.

Acedi aos teus pedidos, convencida que tinha o controle da situação. Não me via a beijar-te, nem sequer a dar-te a mão. Pensei que poderias ser alguém com quem poderia estabelecer uma amizade ou *sei lá o quê*. Não sei o que queria, mas sabia bem receber a tua atenção.

- Julgavas mesmo ter a situação controlada? — perguntava-me Safira incrédula.
- Claro que sim. De outra forma não teria saído.
- Mas porque julgavas que não ia dar em nada? Não consigo perceber! - duvidou Tamara.



Lueji Dharma

- Porque pensava que ele era uma pessoa de outra geração, com conversas desinteressantes e com gostos muito diferentes dos meus.
- E era? - conferiu Safira pegando no bule de chá.
- Não, muito pelo contrário. Era mais jovem de espírito e muito mais interessante do que qualquer outra pessoa que conheci.
- Mas tens logo a pista da *pressa*, para perceber que ele é caçador. Ah! e a pergunta «estás sozinha?» também levanta suspeitas - refilou Tamara.
- É verdade, essas foram logo as pista das verdadeiras intenções dele. Quem ama não tem pressa, aceita o tempo do outro. Vejo isso com a distância de anos, mas na altura, desprevenida aceitei o primeiro encontro.
- Nada de recriminações vãs, prima. Quem tem culpa? O que ama ou o que mente que ama?
- O que mente que ama! Sem dúvida, esse é o criminoso que enjaula o amor.

O nosso primeiro encontro

Porque me ligaste? Porque vieste ter comigo e me pregaste aquele beijo que me deixou estarecida. Furiosa, assustada, afastei-te! Perguntei-te se caçavas sexo? E tu riste-te. Mas não me respondeste? Só ficaste surpreendido comigo, com a minha estupefacção, com a minha pergunta desapropriada. Afastei-te! Mas, tarde de mais... naquele momento soube que eras o homem da minha vida. Fiquei prisioneira da tua química e do calor de um beijo roubado à noite de lua cheia. Desejei-te e senti orgasmos a cada toque dos teus lábios. Por isso imagina, o que senti quando me tomavas a boca, num entregar de línguas e me apertavas fortemente contra ti. Imagina, as vibrações que emitia a cada momento que me torturavas doce e lentamente.

Disse-te o efeito que me causavas...e riste-te ainda mais. E eu assustada e magoada, fugi para casa. E rezei para que me esquecesses. Não queria mesmo estar nas tuas mãos, como estive, como iria ficar (mais tarde)...sou tua, e tu, safado e vivido, sempre soubeste! Que pacto fizeste? Como me caçaste!

Tantos anos sem ter sido troféu de ninguém, sem nenhuma cicatriz. E fui cair nas tuas mãos... como não escapei da tua placagem? Tiveste o prazer de me anestésias e me dar um sono profundo. Tiveste o prazer de me ver acordar desse sono profundo para, feliz, te ver ao meu lado. Tiveste, o prazer de me ter nos teus braços enquanto dormia (por isso sabias o quanto eu era leve, ideal para as acrobacias que tinhas em mente). E como caçador ou colecionador de borboletas, espalhaste o mel sobre as flores do teu jardim docemente envenenado.

Lueji Dharma



Que embriaguez! Que prazer! E inocente, inexperiente, pousei delicadamente, mas foi o suficiente para me caçares, e prenderes no teu livro de recordações.

– «Um orgasmo a cada toque de lábios!» Uiiiiiii. Então valeu mesmo a pena! -riu-se em gargalhadas largas Tamara.

– Se valeu!

– Foste ter com ele ao carro? E? - perguntou timidamente Safira. Receava estar a entrar em pormenores íntimos.

– Saí em direcção ao carro, para dar de caras com um Leão com a roupa do hospital que praticamente o deixava despido. E ele fora do carro, envolveu-me de imediato num abraço forte. Sem esperar deixei-me envolver pelo seu corpo musculado e quente.

– E roubou-te um beijo, o senhor doutor que jurava apenas querer observar a paciente...

– Sem qualquer dúvida! Um doce e longo beijo, gerador de um imenso deleite.

– Não exageres Lueji.

– Juro-te que tive um orgasmo. Eu que nem sabia o que era isso...

– És uma poeta! Um orgasmo com um beijo?

– Sim...não estou a brincar - rimo-nos em gargalhadas ruidosas.

– Vamos acordar o prédio! São 2 horas da matina...

– Não admira que ele seja o amor da tua vida! Esse acontecimento merece uma taça de *champagne*. Tendo em conta, ser raro, o homem capaz de oferecer um orgasmo a uma mulher, o Leão merece um brinde - exclamou, antes de se dirigir ao frigorífico para retirar uma garrafa de champagne doce. A passear a silhueta de uma noiva fui até à prateleira para retirar os cálices de cristal.

- Um brinde aos homens capazes de darem prazer a uma mulher! - discursou Tamara elevando o copo ao ar.

– E ás mulheres capazes de aceitarem o prazer; do alto da amizade reinante ergueram-se copos abolindo burkas de opressão. Assumiamo-nos mulheres em busca dos prazeres terrestres.

-Venham mais Leões Magnos com a sabedoria de Adónis.

-Ahahahahaha - rimo-nos em uníssonos.

Receosa de julgamentos, padeci do mal de relegar para segundo plano o prazer sexual. Em mitos e lendas de cinderelas encantadas, contempla-se apenas no casamento a fada do lar: a mãe, a cozinheira, lavadeira, costureira, mas e então: a amante? Essa, não tem espaço na lenda, mas é nessa que reside a felicidade do lar. Sem essa, a vida corre apagada num lar onde o homem, busca lá fora o que não encontra no interior. E a mulher



Lueji Dharma

desiludida, urde a vida, num tecer doloroso de queixas ou silêncios constringedores: «Não há amor, mas temos tudo» - confessa, antes de lavar a camisa com resquícios de perfume francês e baton vermelho que sabe não serem seus.

-Aguenta Maria, à mulher cabe o doloroso dever de zelar pelo bem estar de todos! Não sejas egoísta! Ou queres ser uma vadia? Madalena é apenas uma vadia.

Maria não responde, esconde-se em arrumações intermináveis e sem contemplações deita-se numa cama de pregos, a desejar a miragem de um amante, de um beijo. Adeus Madalena! Os véus que lhe cobrem o olhar, impedem-na de buscar a fonte do prazer. Ai! Brame a injustiça: "A reputação fica comprometida no desejo apaixonado de uma mulher".

E numa dúvida eterna, redesenho uma Maria Madalena, esmagando julgamentos, altiva, senhoril e dona de uma livre paixão.

Desliguei-me de ti

Cheguei a casa completamente abalada. O que me tinha acontecido? Tremia. Tudo porque me tinhas beijado. Que se passava comigo? Um homem deixar-me assim, tão fora de mim! Juro-te que te mandei embora, porque não tinha qualquer controlo sobre a minha pessoa. Eu, sem controlo? Como foi possível? Todo o meu corpo implorava por ti. Queria-te muito. Nem sei porquê! Enchi-me de pudor e de medos. Não poderia estar bem um sentimento assim? Alguma coisa tinha de estar mal. E eras tu! Não tinhas o direito de te relacionar com uma paciente. Não tinhas o direito de me perturbar. Enchi-me de um radicalismo feminista e mandei-te uma mensagem:

«Se procuras sexo, é preferível pagar! É eticamente incorrecto envolveres-te com uma paciente.»

Respirei de alívio. Tinha-me livrado de ti. Com toda a certeza, não me voltarias a incomodar.

- És doida!
- Mandaste-lhe essa mensagem?
- Sim, mandei!
- Mas tu deste-lhe permissão para te perturbar...
- Para perturbar um bocadito! Não para invadir o meu coração e plantar sementes de sentimentos...
- Mas isso quem sabe? Nem ele de certeza.
- Mas queria acabar antes de me magoar. Não queria viver o que a vida me oferecia.
- Olha, eu ficaria furiosa. E ele? Voltou a ligar-te?



— Se voltou!!!!

O sermão

Já estava a dormir e acordei sobressaltada com o teu telefonema. Não atendi! O que me poderias querer dizer depois da minha mensagem? Insististe! E eu, confesso que muito receosa atendi...

— És maluca! — disseste com uma voz ríspida.

— Sou! — respondi-te. — Não sabias?

— Pois olha, posso recomendar-te um bom médico...

— Mais um como tu? — ripostei enquanto te ouvia controlar a raiva do outro lado. Adorava ter visto essa tua cara furiosa. E numa voz pausada e dura disseste:

— Não me vais irritar mais. Só liguei, para me defender. Não tenho por hábito entreter-me com pacientes. Confesso sentir-me injustiçado com a tua mensagem.

— Folgo em saber-te inocente de tão vil acusação- defendi com ironia, evitando a todo o custo dar parte fraca. Afinal ele era Leão e a *je* apenas aprendiz de leoa.

— Vilíssimaaaaa - quase explodiu do outro lado. Agora, uma coisa é certa! Por mim, fica tudo por aqui.

— Mais uma vez folgo em saber — respondi, para ouvir um «boa noite» seco, seguido de um *click*. Desligaram-se as ligações. Leve, adormeci na certeza de ter posto a fera a correr para bem longe do meu jardim.

— Que gozo! Trataste-o com desdém.

— Safira, ele mostrava-se tão garanhão, e indefesa buscava não ser pitéu da canalhice.

— Estiveste mal, mana. Não o terás acusado sem provas?

— Acham? Tu mesma referiste a pressa dele Tamara. Não será esse um indício crasso de canalha à vista?

— Claro que sim! E claro que não!— responderam em coro. Não é uma prova conclusiva - argumentaram em defesa de um Leão com direito a fazer prova da sua inocência.

— E como é que ficaram depois desta acusação sem provas?

— Ficámos sem falar dois meses...

— Dois meses? Isso foi muito tempo!

— Pois foi! Na primeira semana sentia uma leveza indizível. No entanto, um vazio no coração gritava, acusava-me de ter perdido uma oportunidade de amar. Uma amiga japonesa, a quem confiei a razão da minha tristeza, disse-me: «Deixaste escapar uma oportunidade de viver um sentimento teu.



Lueji Dharma

Preocupaste-te mais com ele e com ser presa ou não, e menos com o sentimento especial que desabrochava nas profundezas do teu ser. Apenas, vejo que travaste emoções, que neste momento trancadas no teu corpo dilaceraram-te a alma. Orgulhosamente sentes que ganhaste! Mas que ganhaste tu? O troféu ostentado em tuas mãos não me enche as medidas e não te fez ganhar vida. Por isso, que perdeste tu em não viver esse amor que carregas dentro de ti?»

Terminado o jantar, e após meditar, enchi-me da tal de coragem e mandei-lhe uma mensagem a pedir desculpas. No meio da mensagem, tecia num tom de elogio a falta que me fazia.

- E ele, respondeu? - perguntava Safira esperançosa de um reencontro.
- Só ao fim de uma semana...
- Que bom! Não podia terminar assim!
- Bem ou mal, já o amavas, e como poderias não viver esse amor?

Arredada desta história, e com os olhos do tempo volvido, esta pergunta cai que nem nódoa de vinho em toalha de linho: “como poderia não viver esse amor?”

Mas mais importante, como vivê-lo? Como viver um amor, mesmo só meu?

Essa era a minha questão e a minha ignorância. Como viver, esse vendaval de emoções que ameaçava criar *tsunamis* na minha existência. Porque carga de água ninguém me ensinou a viver um amor. Que vestido usar, que baton, com ou sem maquilhagem, cabelo amarrado ou solto? - o guião deste filme levava-me a viver dramas de estética feminina, como se respirar deixasse de ser tarefa simples.

O Feitiço do Cupido

Vou confessar um segredo. Que está prestes a perder esse estatuto. Sei que fui alvejada duas vezes no coração e sobrevivi. É verdade. Desde que me apertaste em teus braços sob as gotas de chuva que nos molhavam o corpo na clareira daquele bosque. Mas essas setas certas só me atingiram a mim, pois o cupido falhou o teu coração. Ou melhor, ele confessou-me que o tiro foi certo mas que o teu coração de pedra partiu a seta e pior fez ricochete e adivinha em quem foi de novo acertar. Pois claro, em mim! Agora imagina-me duplamente alvejada no coração. Zanguei-me com ele. Mas ele confessou que em toda a sua vida que é mais que milenar, nunca tinha encontrado um coração tão duro assim. Perguntei-lhe, indignada, como poderia reverter todo este processo, para que pelo menos não tivesse um amor tão ilimitado. E ele encolheu os braços, e voando fugiu. Deixou-me assim plantada naquela clareia a olhar para as estrelas. Alguém tem de pagar por tamanha negligência. Vou processar tudo e todos. Porque se os deuses enlouqueceram então eles que



Lueji Dharma

façam prova num tribunal. Porque se ele tem um coração de pedra porque insistiram em nos fazer juntar. E agora com este coração de manteiga mole que vida é que me espera lá fora. Amar tudo e todos...será que isso é bom? Dar muito sem pensar em receber? Agir com o coração (perder a razão)? Desfrutar da paixão? Ser livre! Não sei se sei viver assim!

Declaração de amor

Fecha os olhos antes de falar. Mas calas-te, como se o fogo te queimasse a voz. Calas-te, mas todo o teu corpo transpira. Incendeias-te e calas-te. Avanças e recuas, foges com o teu olhar. Enfrento o teu olhar com o meu. Foges! Procuras pelo carro um CD. Perguntas-me se conheço Pablo Milanes? Não, não conheço! Instruis-me. Corriges-me a ignorância. Apresentas-me um cantor e uma música: *Yolanda!* Pedes-me silêncio. Pedes-me que oiça atentamente a letra. Obediente calo-me, para ouvir, a poesia encerrada na letra dessa melodia. E num sopro de acordes, um gemido angelical de violinos inicia a sinfonia guiada, certamente, pela fórmula misteriosa da proporção divina.

*Esto no puede ser no más que una cancion
Quisiera fuera una declaración de amor
Romantica sin reparar en formas tales
Que ponga freno a lo que siento ahora a raudales
Te amo Te amo
Eternamente te amo
Si me faltaras no voy a morirme
Si he de morir quiero que sea contigo
Mi soledad se siente acompañada
Por eso a veces sé que necesito
Tu mano Tu mano
Eternamente tu mano
Cuando te vi sabia que era cierto
Este temor de hallarme descubierto
Tu me desnudas con siete razones
Me abres el pecho siempre que me colmas
De amores
De amores
Eternamente de amores
Si alguna vez me siento derrotado
Renuncio a ver el sol cada mañana
Rezando el credo que me has enseñado
Miro tu cara y digo en la ventana Yolanda Yolanda
Eternamente Yolanda Yolanda*



Eternamente Yolanda
(Pablo Milanes)

A voz doce ecoa em tons sibilantes pelo carro: *Te amo eternamente te amo*. O som dos violinos acompanhado por flautas, perpetuam o poder do verbo e misturam-se com as emoções. É-me possível sentir as gotas trémulas de suor dos teus dedos nos meus. Tremo! Na outra margem, aguarda-me a entrada no mundo encantado dos sentimentos, onde sabe-se estarem desterrados trovadores, músicos, poetas, artistas e outros sem nome ou profissão.

Serás tu o príncipe da cinderela ou o João Ratão da Carochinha? *“Se me faltares não vou morrer... mas se morrer quero que seja contigo”* Como espremeaste, num resumo feito letra de canção, a minha alma?! Como soubeste atingir, com precisão de atirador, meu coração?! No ar, *“esse temor de ter sido descoberta”*... imprimiste a minha alma em notas musicais? Ou desvendaste a tua? Será? Fecho os olhos à espera de que o teu beijo encerre esta declaração de amor. Rezo, aos deuses e aos anjos do amor para que zelem por um final feliz. Pois, *“cuando te vi sabia que era cierto”*.

- Que pena Lueji. Vocês os dois tinham tudo para dar certo.
- Pois é, mana, ele para além de saber beijar tem um excelente gosto musical. A letra é divina! Nunca ninguém me fez uma declaração de amor tão intensa.
- Nem a mim. Só ele, o homem da minha vida.
- Não admira que não quisesses abrir este relicário. Deve ser doloroso perder alguém tão valioso. Alguém que nos completa dessa forma. A nossa alma gémea...
- Nem imaginas o quanto! Às vezes pergunto-me senão teria sido preferível nunca ter sabido o que era amar alguém assim.

Regresso ao passado, ao passado desta História de Amor. Por lá andei a contemplar emoções e sentimentos perdidos em mim. Confusa, deixei para trás uma sombra do que era, ausente na corrida rotineira da vida. Seria preferível nunca ter amado?

Claro que não! - confesso, esse amor magnetizou-me, projectou-me para o intangível mundo dos amantes. Ganhei espírito, nas histórias de amor de outros pares românticos, mais trágicas que esta que vos conto. A contemplar eras antigas, acabei por me perder no tempo de Romeu e Julieta, Lueji e Tshibinda Ilunga, Pedro e Inês de Castro! O sangue ganha corpo no amor do passado. À luz cega desta lógica trágico -cómica, jamais considerarei ridícula uma carta de amor.



Regresso, ao presente, num sopro eterno de vida. Decidi viver da louca paixão. O meu reino está em festa! Sublime loucura a do Amor.

Um jantar a um tempo

Percorro as mesas do restaurante, com alma de Veneza, escolhido para a partilha da primeira refeição juntos. Perco-me nas máscaras cobertas de brilhantes e cores que tapam a luz vinda de velas cravadas em paredes doiradas. No ar o romantismo ganha forma na meia-luz oferecida por essas máscaras. Os olhares acesos parecem zelar pelo segredo do amor. Oh maravilhoso e misterioso mundo o dos sentimentos.

Prometeste jantar comigo, e ainda não tinhas chegado. Escolhi uma mesa, junto a uma janela. Na mesa o número 11 dava signo e destino ao encontro. Irritei-me. E numa atitude desafiante de leoa escolhi o meu prato e um vinho enquanto esperava por ti. Ainda sem a tua presença comecei a jantar. Se não estavas ao menos aproveitaria a companhia do céu estrelado e da bungavília que trepava o candeeiro solitário da rua. Vi-te pela janela, no teu corre-corre apressado. Nem deste conta, do meu espectro reflectido na janela. Vi-te entrar, e ficar surpreendido com a minha rebeldia.

— Convidei-te para jantares sozinha? — perguntaste descrente de tamanha desfeita.

— Convidaste-me para me deixar à espera? — retorqui desafiando-te. Não via mal algum em aproveitar a tua ausência, para saborear o prazer de uma refeição e de um bom vinho.

— Ok... não interessa. Mas da próxima vez quero um jantar a dois tempos, não quero que comeces sem a minha presença.

Deixamos para trás o desentendimento, para nos distrairmos um com o outro. Corei, vezes sem conta, com os teus elogios rasgados à voluptuosidade dos meus trajés.

— Linda, estás linda - sussurraste com olhar embevecido. Preocupaste-te em verificar todos os detalhes da minha *toilette, que tão sem jeito fiz questão de esmerar com zelo*. Acariciaste a plumagem da echarpe, gabaste o toque da seda do vestido e descobriste as preciosas pedras transformadas em enfeites das sandálias. Na tua mão, encerraste os meus dedos compridos, onde as unhas pintadas à francesa tinham leves brilhantes em forma de flores.

— Como conseguiste colar flores nas tua unhas? - indagaste convencido de alguma intervenção com um bisturi mais fino que o teu.

— Apenas toques de magia - sorri para a tua curiosidade.



Lueji Dharma

Num puxar de mãos, beijaste-me ao de leve os lábios. Estremeci (já não vou dizer mais o que senti). Mostras-me orgulhoso a cicatriz que carregas num corpo desportivo cuidadosamente mantido, em regular exercício físico.

– Que cicatriz é essa? – perguntei perdendo o olhar na minha.

– Um amor mal resolvido. Um flagrante delito não perdoado por um marido proscrito – confessou libertando no ar uma mágoa. Amava-a, mas ela apenas me usava. Não sabia que ela era casada. Interrompes a conversa para de te deixares extasiar pela minha beleza. - Não interessa o passado, dizes num beijo terno, quase sem fim. A tua refeição feita de massas italianas aproxima-se, num aroma de queijo e tomate. Delicias-te com o molho temperado por plantas aromáticas. O aroma inconfundível de orégãos e salsa percorre as narinas. A sobremesa, com chocolate derretido sobre um manto de gelado, transforma-se na recompensa dos magos aos humanos.

Saímos do restaurante, na baixa pombalina, em direcção ao Bairro Alto. Não queres andar pelas ruas inundadas de gente. Prendo-te a mão na minha, e levo-te rua acima. Descontrais e perdes o medo de viver ou de ser visto? Não sei. Também não me interessa. Abraças-me e seguras-me com força a mão.

De mãos dadas enfrentamos as luzes da cidade e o breu da noite. Entre calçadas, ora de basalto, ora de calcáreo de ruas apertadas com beirais mínimos levo-te ao Portas Largas. Refúgio dos desalinhados, uma sala com um sofá e uma janela para a rua. Sentados num sofá de veludo, iluminados por um candeeiro de pé alto, bebemos *mojitos* com muito limão, gelo e hortelã.

Estou, estamos felizes! Em comparação com a vida monótona dou de mão livre o salário, pelos momentos verdadeiros, belos e cintilantes. Escondes-te na sombra para deslizares a pele dos teus dedos, no rosto alegre da minha criança. A lua e as estrelas espreitam cada vez mais perto. No ar o rastejar gemido da emoção. Estranhas tamanha sensibilidade. Repousas a mão num movimento curvilíneo pelo corpo feminino.

- O mais belo de uma mulher são as suas curvas – sussurras-me ao ouvido. Bom saber! Desconfio não saber responder ao que mais belo tem um homem! Agradeço o facto de não mo perguntes.

Saímos pelas ruas de um bairro apinhado de jovens, adultos e velhos. Mulheres, homens, gays, bissexuais e outras coisas que tais. Faço questão de te levar pela mão. Há quanto tempo já não andava assim. No regresso paramos em todas os cruzamentos e ruelas, para cairmos nos braços um do outro, loucamente apaixonados. Passo a passo, recupera-se a magia de voltar a acreditar, no mar da emoção. Que bom que é amar assim... Levas-me até ao meu carro; e eu despeço-me de ti. Fujo do destino que tens traçado para mim. Imploras no teu tom meloso: «fica». E eu, socorrendo-me de uma força superior, fecho a porta do carro para te deixar naquela praça deserta.



- Noite maravilhosa, mas quase arruinaste tudo. Como pudeste começar a jantar sozinha?
- Pude, porque sabia que se jantasse com ele não ia comer nada. Sentia um nó na garganta que não me deixava engolir.
- Mas ele não percebeu isso. Apenas imaginou-te indiferente a ele. Nem pudeste esperar... talvez tenha pensado ele, Lueji - disse Safira a tentar introduzir pensamentos femininos em Leão.
- Sei que não entendeu. Mas, ao menos consegui jantar - ri-me.
- Mas a verdade é que ele reclama, mas também não desiste!
- Pois... e até confessou um *desaire* amoroso. Talvez o *desaire* que o tenha feito perder a crença no amor.
- Essa Madalena transformada em pérfida adúltera, construiu numa cicatriz um coração de pedra.
- Não creio - refutei agradada pela suave vingança feita por essa outra mulher. Há mulheres com M de Madalena.
- Vocês são demais! Um par digno de cinema...
- *Grazie* Safira - agradeço no melhor italiano que acredito possuir.

Sonhei contigo!

A tua respiração ofegante interrompe o meu pensamento. Um suspiro profundo ecoa e encerra-me no teu mundo! Um passado teima em persistir oco e vazio; Até que te vejo, sinto e cheiro; num desespero largo não te consigo alcançar... grito, mas a voz teima em permanecer muda. O meu silêncio permanece imóvel no nada. Assim me mantenho sobre a protecção ambígua de um cortinado transparente. Onde estas? Porque demoras? Anda, por favor, vem... e logo estremeço.

Mentes e escondes, mas eu leio-te nos olhos. Camuflas-te. Mas eu descobro-te. Não te conheço mas sinto saber tudo sobre ti. E desejo-te, enquanto espero ardentemente por um manto de chuva e relâmpagos numa noite quente de Verão. Espero aí que me alcances, me toques, me percorras o corpo... demora-te nos meus seios, na minha nuca, nos meus lábios. Sim, demora-te eternamente.

Só por entre lençóis de água entregar-me-ei, para que possas, de forma descontrolada, viajar nas linhas sinuosas, nos caminhos tortuosos, nas avenidas movimentadas, nas ruas desertas do meu ser... com a velocidade, ou se preferires, com a lentidão que considerares adequada.

Lueji Dharma



- A poesia corria-te nas veias Lueji. Este texto flui ritmado e conturbado, como se quisesse imprimir as emoções do momento. A doce poesia, a sublime saudade, o desejo; um turbilhão de emoções.
- Uma loucura toda esta história. Só digo isto porque sabemos não terem acabado juntos. Uma história sem final feliz.
- É verdade! Mas, apesar de tudo, viveste algo que muitas de nós apenas fantasiávamos...
- Para escrever histórias de amor destas, não há com certeza papel que chegue, Safira.
- Verdade, mana. Suspirou Tamara, revelando alguma história por contar.
- Também tens uma história para nos contar? - perguntou Safira a Tamara.
- Não interessa, e hoje, o dia é da noiva. Agora continuo a leitura Safira.

No fluir da tinta desta pena cálida, percebi ser esta história mais do que um fio solitário. Em gerações, passados, presentes, jovens e velhos, identifiquei olhares de quem se revia. Mudos silêncios, ressoavam no pedir de dedicatórias. Docemente pediam-me a gravação no papel do nome da amada ou do amado. Alguns, mais audazes, revelavam vários nomes, em diferentes declarações de amor.

– Estou indecisa, entre o meu actual marido e o meu amante, confessavam-me em confiança, várias mulheres. Ou ainda, «acredita no amor?» - perguntavam-me num laivo eco de corações em turbilhão. Supresa foi o dia, em que alguém, apercebendo-se da Lueji autora do livro ter corrido aos meus braços.

– Como sabia a minha história? Como pôde revelar todos os meus sentimentos e segredos?

– Não sei! Revelei sentimentos, emoções e pensamentos acorrentados num mundo de correrias - retorqui. Somos muitos desalinados...

– Não pode ser! É que sou mesmo a Maria Madalena - disse-me entregando um documento identificativo.

– Pois é Maria ou Madalena, somos todas, não acha? - consolei-a, num mundo de iguais, onde a mulher tem direito a ser Madalena, sem por tal feito, perder a reputação de Maria.

– Mas e os homens, como reagem ao teu livro? - perguntou-me com leve desdém, um crítico literário para quem os livros de amor não são obras de arte.

– Misteriosamente, são os que mais citam, versos do livro. E, embora descrentes, compram com o pretexto de oferecer às mulheres de uma vida.

– Talvez usem o livro para melhor compreenderem a presa.

– Talvez! Mas creio mais em presas a lerem os livros para se defenderem de ataques dos *safardanas* e *canalhas*.

– A vã caminhada do Opróbio.



Tudo sobre ti...

Adivinha o que descobri? Descobri a ilha onde nasceste e que no ano em que nasci decidiste fundar uma associação. Pois é, meu amor, eu com alguns meses e tu envolvido em demonstrações públicas. Deram à associação o nome da ilha... de quem terá sido essa ideia tão criativa? De certeza que foi tua! Como Leão que ruge só te vejo a tomar a iniciativa de baptizar essa colectividade. E assim, meu homem dos mil ofícios, lá marcaste nesse ano o nascimento de um momento e mais tarde de um grande amor. Pois, nesse ano tão decisivo para ti nascia a Lueji abaixo do Equador. E agora, 30 anos passados, ainda permaneces como membro honorário desse clube e como o rei do meu coração.

Apresentas-te-me o movimento literário claridade. Já não pertenceste a essa onda de intelectualidade africana que em muito promoveu a cultura da diferença no mundo, mas certamente, lestes seus textos avidamente nas tuas noites mal dormidas.

Gostava de saber quem foi a tua primeira namorada. Onde deste o primeiro beijo? Terá sido no Tarrafal ou na Ribeira Brava? Numa noite estrelada ou num dia de praia?

Quero saber quem te magoou pela primeira vez esse coração de pedra. Sim, Leão, quero saber tudo sobre ti. Recuperar o tempo em que não te encontrei. Fazer de ti um livro por ler, um filme por ver e um puzzle por montar. Sim, Leão quero a minha vida repleta das tuas histórias de luta, derrotas e vitórias.

– Lueji, também estamos curiosas em relação ao Leão. O teu próximo livro tem de ser sobre a vida deste Leão demolidor de corações.

– Boa ideia! Não me importava nada... especialmente, se ele me deixasse entrevistá-lo...

– Sim, sim!!! Só com intuitos de pesquisa! Claro que estamos a ver.

– Assim, até devias viver com ele uns tempos para o poderes estudar com rigor... – diz Safira, perdida de riso.

Lueji Dharma



– Nem mais...era fundamental para que o livro se alimentasse dele - tentei dar ciência à arte de conceber personagens de romances.

– Sim, e para que tu finalmente pudesses desfrutar da sua companhia.

Onde andas tu?

Sonho poder partilhar contigo, pequenos momentos, como aqueles detalhes de todos os dias: aquelas gotas que se desprendem das folhas pela manhã, para, lentamente escorrerem pelas nervuras até se desfazerem na terra quente.

Gostava que, de olhos fechados, viesses comigo sentir o cheiro das flores do jardim, escolher as ervas para os chás, as especiarias para os cozinhados, as músicas para as noites à beira da lareira, fazer a cama de lavado com os lençóis de seda, e enroscar-te em mim para aqueceres este corpo. Minúsculos detalhes, que dão cor às paredes brancas da minha vida, e abrem as portas e as janelas da minha casa, numa conquista de mundos ao mundo, na correnteza da tão almejada felicidade. Tens de confessar que é tudo, mas não é muito! São momentos de ternura, instantes de carícias, pequenas gentilezas num desejo indomável da partilha.

Enquanto aqueço as mãos na chávena com aroma a gengibre, sento-me na varanda, a olhar para a glicínia e a buganvília que teimosamente trepam a parede da minha casa; o frio adensa-se, na saudade da tua presença. Combato a tua frieza enroscando-me ainda mais na manta quente.

Onde andas? Andas feliz? Já me esqueceste? Ou ainda te recordas de mim? Manda-me uma mensagem, a dizer que estas bem! Ou que andas cansado, ou simplesmente vazia. Mas manda! Quero sentir-te mais *perto* de mim. Ajuda-me a aquecer este corpo que permanece frio desde que partiste.

Confessa ao vento o teu amor por mim, para que me sussurre ao ouvido no sacudir das pétalas das rosas. Diz ao frio que me adoras, para que se afaste de mim, e deixe o sol irradiar calor. Ordena às madrugadas que não me torturem o sono, oferecendo-me um sono tranquilo. Não te acanhes, grita alto em oração, eu prometo não ouvir, mas os anjos sorrateiramente contam-me entre murmúrios.

Lueji Dharma



Eles insistem em fazer-me acreditar no amor, não sei se neste. Rendo-me às evidências e às provas inconclusivas. Rendo-me simplesmente. Triste fado, dos que amam.

Num último devaneio engendro um plano para descobrir segredos.

- Sabes, os segredos podem ser revelados... revela-me esse segredo precioso que te leva sistematicamente para longe de mim! Prometo transformá-lo numa fábula encantada com duendes, fadas e animais falantes. Prometo fazê-lo desaparecer com recurso a uma poção mágica com resultados infalíveis.

— Ai prima... como seria tão bom que ele estivesse sentado na varanda contigo, de mãos dadas, a enfrentar um futuro risonho.

— Seria o meu sonho tornado realidade — digo a rir-me.

— Neste caso, já era o nosso sonho também. Imaginar-vos aos dois juntinhos. Apetece-me usar de uma varinha mágica, e *voilà*: «um final feliz»!

— O final real não podemos... mas pelo menos o do livro, mana, tem de ser feliz! Promete-nos isso! Não consigo acreditar que não tenhas terminado com um final feliz!

— Se calhar reescrevo o final para que talvez um dia a ficção se torne realidade.

— Tens toda a razão... nunca se pode deixar de sonhar. E nada melhor do que viver os sonhos, como se já fossem uma realidade. E qual a melhor forma de os viver do que através de um livro?!

— Quem sabe um dia o teu Leão Magno não se dê ao trabalho de ler este livro e perceba como passou ao lado de um grande amor. E talvez volte atrás e te dê a hipótese de viveres este romance com ele.

— Quem sabe? — refilo ironicamente. E por causa dessa exígua possibilidade, não me consigo comprometer com mais ninguém. Suspiro irritada.

Deixa aberta a dimensão do verbo perder



Lueji Dharma

Se me procuras?! Encontra-me. Estou cansada de te esperar. Vamos estar juntos. Não queres? Partilhar, amar, sentir a chuva a cair sobre as plantas do jardim? Simples e calmo. Seremos felizes no silêncio. Amantes na escuridão... aceita-me como sou, doida, liberal, desconcertante. Mas muito meiga, muito doce, muito sensível...com milhares de defeitos, mas para compensar, com o desejo de ser tudo o que sonhas.

Explora-me e percorre-me...sem pressas, nem demoras, com todo o tempo do mundo, deixa aberta a dimensão do verbo perder! Para que te percas em mim, e assim, eu te possa encontrar sempre que me apetecer. Melhor, deixo eu as pistas todas para que me encontres! Sim, sou aquela que sorri para ti no semáforo, nas cevadilhas da auto-estrada, nas pedras da calçada, nas portas que entras e saís...

Sim, sou eu que gemo, a cada passo que dás para longe de mim. Não me percas mais! Encontra-me de uma vez! Sem truques nem artimanhas! Ou desamarra-me as amarras. Decide-te! Não me prendas na tua malha! Não me dês falsas pistas, não enganes um coração tão verdadeiro. Faz-me tua. Ou manda-me bugiar! Diz-me a frase que citaste, a esse a quem foste visitar o bar na praia das maçãs reinetas: "Don't fall in love with me, I just want to put the cream on"...

As Férias em Angola

-Vais viajar estas férias? - perguntas-me.

-Sim, vou para Angola para realizar formações e visitar algumas escolas a inaugurar antes das eleições.

-E vais só?

-Vou! Porquê? É só quinze dias...e regresso...

-Mas, de certeza que vais encontrar alguém... dizes entre-dentes.

-Encontrar alguém? Espero encontrar muita gente!

-Concerteza que te vais apaixonar?

-Oh Leão? Apaixonar? - refilo perante tal desfeita ao sentimento carregado.

-Lueji eu vou entrar de férias esta semana. Anda comigo!

- Ir contigo? Para onde?

-Para Cabo Verde, Lueji. Vai a casa selecciona algumas coisas e vem comigo. Passa as férias comigo! - Adorei o teu convite...mas como podia eu ir contigo, se já me tinha comprometido. Como poderia ir contigo, se me aguardavam em Angola? Apetece-me seguir-te. Mas a minha outra paixão é Angola. As



paisagens maravilhosas, as histórias cómicas, a música, as comidas. Muita saudade! Por isso não podia aceder ao teu pedido. Perdoa-me.

- Não posso Leão. Já tenho tudo programado.
- Pois, então vai diverte-te... depois diz-me se gostaste!
- Vou adorar concerteza...
- Claro que vais...é a tua terra.

E eu a sentir-te magoado levanto-me da mesa e abraço-te. Envolves-me carinhosamente, entre goles numa chávena de café. Saímos do restaurante na direcção da praça do Campo Pequeno. Na rua a chuva miudinha teima em cair. Abraças-me. E levas-me pela mão em direcção ao teu carro. Parecemos dois adolescentes pelas misteriosas ruas de Lisboa. A iluminação de Natal, conforta o gélido da noite. O teu carro está estacionado por baixo de uma árvore frondosa. Levantas-me num voo apenas e sentas-me sobre o *capot* do carro.

- Não me imaginava nesta figura aos 47 anos? - conferras-me.
 - OH! Via-nos aos setenta anos a fazer sexo em elevadores... digo numa gargalhada aberta de felicidade.
 - Isso seria um atentado ao pudor... mas, também sinónimo de vida.
- O cair da chuva torna-se mais intenso, obrigando-nos ao refúgio do carro. Ligas o carro e colocas o CD da AYO que te ofereci. E com a voz trémula dizes:
- Amanhã viajo para Cabo Verde. Mas ligo-te antes de partir.
 - Espero que te divirtas...eu só parto para a semana.

- Aiiiiiiii...devias ter ido com ele. Não achas Tamara?
- Mas como se eu já tinha tudo marcado. Não podia desmarcar...o Rodrigo na altura contava comigo para algumas campanhas de sensibilização da população.
- Ah! Foi nessa altura que te tornaste mais íntima do Rodrigo!
- Sim. E tive umas férias maravilhosas com ele. Viajamos Angola inteira. Ele levou-me a conhecer várias escolas de Benguela, Sumbe, Lobito, Lunda Norte, Lunda Sul e Malange.
- Mas aconteceu alguma coisa?
- Não! Nada disso. Apenas uma grande amizade. Viajamos juntos de carro e avião, a maior parte do tempo sós. Mas como dois colegas. Nada mais. Aprendi imenso com ele. Talvez se o tivesse conhecido antes do Leão...talvez...
- E o Leão ligou-te antes de ir para Cabo Verde?
- Não... e só ao fim de dois dias é que me enviou uma mensagem a dizer que já estava em Cabo Verde.
- Não se percebe porquê que ele diz que liga e não liga!
- Não se percebe mesmo, porque ainda por cima ninguém lhe exige que ligue...ele é que se compromete.
- Dá a sensação que gosta de criar nas pessoas a ideia de que ele não se lembra delas...que elas não são importantes.
- Sim. Era isso que eu sentia. Não era importante para ele...



- E será que o Leão Magno sabia do teu amor?

Disse que te amava

Amo-te - disse ao despedir-me de ti num dos imensos telefonemas feitos antes de partires de férias. Não me arrependo...expressei o meu amor. Não reprimi a emoção. E *oops*...disse que te amava. Que pecado capital! E tu ficaste sem palavras. Engoliste em seco e puniste-me com o teu sarcasmo e mais tarde com a tua ausência.

- Oh Boneca, tu queres amor eterno?! - perguntas-me com esse ar de quem já aniquilou todo o amor do coração. Pois é! Em que estava eu a pensar? Sou apenas a tua boneca...e as bonecas não são seres reais e como tal não amam. Por isso desculpa, se eu falei em amor. Em que estava eu a pensar?...quem me mandou amar, quando tu só querias uma boneca. E por azar até te calhou uma boneca morena de borracha quando os deuses estão fartos de saber da tua preferência por bonecas louras e de porcelana. E agora, apetece-te desaparecer porque a boneca disse a palavra amor. *Ooops*...vil palavra!

- Eu já não amo - dizes-me assertivamente. E eu engulo todo o ar da atmosfera para oxigenar este coração prestes a ter uma paragem cardíaca. Que raio de homem és tu?

- Não percebo estes homens que não amam mas continuam a fazer declarações de amor!

-É um contra-senso no mínimo? Não achas Lueji?!

-Claro que acho. E pior conseguem transmitir o sentimento de amor de forma fidedigna. Se não amam conseguem encarnar as personagens. Movidos pelo desejo sexual, os caçadores acabam por estudar o mundo das presas. Sabem usar os truques certos. E *pum*, tiro certo no coração da presa perdida na mata da inocência.

- Hummm, da forma que o disseste até senti o tiro Lueji - choramingou Safira.

-Que raio de homem este Leão Magno! Devia ser enjaulado num jardim zoológico. Exposto como prova da existência e condenação dos criminosos do amor- protestou Tamara.

Será ela a tua mulher?

Tens medo! Ela mete-te medo...não sabes porquê? Talvez porque ela é a tal; a tal que tu já não esperavas, que já não acreditavas existir; comesças a sentir as palavras da letra da declaração de amor do Pablo Milanes. É a música que lhe queres dedicar. Vais à FNAC comprar o CD. Amanhã irás pô-lo a tocar para



Lueji Dharma

ela ouvir. Mas sentes que és velho demais para amar; recordas-te a sorrir da forma como ela te disse que ia levar-te a amá-la; era corajosa! Tinhas de admitir; mal ela sabia que tu já a amavas e a admiravas. Só não a querias presa à tua vida ocupada, apressada, sem horários e muito inoportuna. Sabes que as mulheres precisam de tempo. E tu não tens. Embora até queiras ter; mas ela ainda parece tão criança. Recordas-te do seu sorriso, da sua vontade louca de passear pelas ruas de mão dada...é uma criança! Definitivamente. Custa-te dizer-lhe que já não a queres mais. Aliás, ela perguntou-te: e tu bem tentaste dizer-lhe que não. Mas as palavras não construíram a frase que querias e saiu-te um indeciso e vago: vamos com calma. Ainda a queres, mas não queres amar outra vez. Forças o teu coração a partir mas ele não te deixa mentir e por isso, não consegues dar por terminada a história. Agarraste-te a uma réstea de esperança que talvez ela to diga a ti. Era mais fácil. Mas ela com o coração quebrado, com uma voz desiludida, mas decidida referiu-se a ti como o homem da sua vida. Tu? " Ela não me conhece! Sou banal, normal e pouco refinado". Ela é nova, bonita, sensual e inteligente. Só de a veres ficas fora de ti. Ela toca-te na alma e invade-te o corpo. Desde que a viste pela primeira vez que não a consegues tirar das fantasias. Viste-a dormir na cama do hospital. E sem saber porquê só descansaste quando a viste acordar. Zelaste pelo seu sono doce. Ela tão calma e relaxada com os cabelos longos espalhados na almofada. Viste-a a despertar. Tremeste. Que pensará ela ao ver-te na sua cabeceira. Os olhos dela despertaram nos teus. Que bela adormecida e desperta, pensas tu. Sentes que algo de mal se passa com o teu coração duro de roer. A tua frieza parece derreter perante aquele corpo frágil de menina e moça. Será ela a tua mulher? Convences-te que o teu coração já não sabe amar. Essas coisas do coração só dão problemas. Dizes-lhe:

- Não te envolvas...aproveita. E ela segue o que lhe dizes; quer-te tanto que abdica de te ter só para ela. Vai de férias sozinha. E tu, sentes a sua falta. Tens ciúmes...pedes-lhe que não vá. Propões-lhe que agarre na mochila e viaje contigo. Agora! Os olhos dela brilham, amou o convite. Mas recusa. Não pode ser assim. Ela não quer viver em função dos teus caprichos. Pedes-lhe em namoro. E novamente um brilho intenso no seu olhar! Mas ela diz que quer mais tempo para pensar. Não percebes! Que quer ela afinal?!

-Que queres tu?- perguntas indignado.

-Quero amar-te e quero que me ames! Só isso!

- Nunca te tinham feito uma proposta assim. Tu não amas, ela já devia saber! Mas o teu coração parece começar a ceder.

- Mana esta descrição foi baseada em alguém que o conhecia?

-Não! Ou melhor não vou revelar!

-Oh, porque eu queria mesmo saber o que pensa ele? Se ele tem outras, se gosta mesmo de ti, se tem medo de amar?

-Pois, mas isso só ele poderá responder...

Lueji Dharma



- Não tens o número dele? Podíamos ligar-lhe agora.
- Enlouqueceste, Tamara; ainda bem que não tenho o número. E já são quatro horas da manhã.
- Já agora qual o verdadeiro nome dele? Gostava de um dia descobrir quem ele é?
- Se eu respondesse a essa pergunta, todo o livro perderia o encanto.

Amo-te Leão Magno

Desde o regresso das minhas férias, reconheço uma frieza maior. Falo contigo e adias...interpretas mal. Não queres perceber. Julgas que te engano, que me rio por detrás do telemóvel...fechas os olhos e vês traição. Agarro no meu corpo de mulher menina, e com as garras de uma guerreira amazona procuro-te. Sigo o teu cheiro que nem leoa faminta. Encontro-te a sair da tua labuta. Cruzamo-nos no corredor. Sorris. Exibes um sorriso repleto de surpresa e felicidade. Quase te vejo estremecer, se o meu corpo parasse de tremer. Enches-me de elogios. Convidas-me a entrar na sala que usas. Apercebes-te do meu corpo trémulo. Percorres-me com o olhar. Uivas, entre suspiros. E como Leão exibas-me a tua virilidade. Culpas-me do teu acesso de tesão. Olha o que me fazes? Não me demoves com os teus lamentos. Exijo-te um beijo. Retrais-te. Estás no trabalho. Tens medo que te vejam, que nos vejam! Ai esses equívocos que te amedrontam. Tu que te proclamas solteiro. Que me exiges fidelidade. Que te enches de posse. Que me renegas, por pensares que sou de outros. Que não sou exclusivamente tua. Mas num canto. Num recôndito intermédio. Numa fracção de segundo, beijas-me sob o olhar dos sentidos. E eu calo-me. Cedo, submeto-me a ti, Leão. Quero-te agora e aqui. Mas tu escapas-me por entre os braços e as mãos. Negas-me mais uma vez. Temos que ir, impões, a passo de tiquetaque. E mais uma vez percorremos juntos este corredor. Eu mais leve, tu mais ciumento! Antes de me despedir acusas-me de estar demasiado confiante. Que te fizeram nessas férias? - perguntas sem querer saber a resposta. E eu, em silêncio, não te respondo com a boca, mas calo-te com o olhar. Afasto-me de ti menos esclarecida; definitivamente, não te entendo...foges de mim e depois morres de ciúmes. Como me podes pedir agora que acredite, que não me amas. Como podes, ser tão obsessivamente orgulhoso. Bolas! Não tens de morrer se te faltar...mas podes amar-me sem faltas, sem limites, sem horizontes...só o céu para ti e para mim...A verdade, é que nunca mo disseste: que me amas! De que tens medo...do...que escondes. Eu sei! Como podes imaginar que alguém que ama tão profundamente não saiba. Eu sei os teus segredos, os teus medos, os teus receios...ainda não percebeste? Penetro-te a alma, percorro-te a mente, debato com o teu coração...zango-me. Como podes negar-te ao amor! Como podes negar-me a experiência de viver um grande amor. Que egoísmo, Leão.

Lueji Dharma



Não te podes sobrepor a desígnios que nos ultrapassam. Não foi por acaso que fui parar às tuas mãos. Acreditas que sim? Que foi uma passagem? Pois eu não...não acredito, que ficaste à minha cabeceira por obrigação. Que zelaste pelo meu sono anestesiado...só por formalidades técnicas. Não posso acreditar que tragas para algo tão sublime uma formalidade técnica, semelhante a uma acta de uma reunião. Quando muito, traz um esquema de um Casanova ou de um Zé-Zé, mas não me fales de burocracia.

- Prima Lueji, sim senhor! Esse homem é uma verdadeira complicação! Por um lado, até fico contente que tenha desaparecido da tua vida.

- Às vezes penso que sim. Mas quando penso que não consigo amar outro...enfureço-me.

-Mas depois dessa ida ao hospital desististe? Não o procuraste mais?

-Sim. Fiz tudo ao meu alcance para que desse certo. Gostava de ter percebido as razões dele. Ele será sempre o meu quebra-cabeças.

Como desapareceste!

Todos os dias massajo a cicatriz que me deixaste. E todos os dias ela magoa profundamente, como se não me deixasse esquecer de que amar é viver, mesmo com o sofrimento que possa encerrar. E é assim que eu vivo desde que me deixaste! A sofrer...e se dói...Meu Deus...dói mesmo, no mais profundo da minha alma. E eu teria aceite a tua partida sem sofrimento, se ela tivesse sido delicada, doce e gentil. Mas tu preferiste a brusquidão do corte, a ruptura do abismo, a crueldade da indiferença. E nem deste espaço, para uma ponte...a ponte da amizade. Porque te custa tanto falar-me? Manter uma ligação? Sempre te disse que não tinha expectativas. Porque preferes ferir meu coração com a tua total ausência? Talvez saibas que magoa...talvez isso te alimente o ego. Tenho pena, por mim. Porque decidiste entrar na minha vida? Porque me perseguiste e caçaste como se fosse uma lebre? Para me retirares a pele e deixar a sangrar na berma da estrada. Nem me arrastaste para um jardim, para que na morte contemplasse algo de belo. Deixaste-me a sentir a dureza do asfalto que o sol derrete no pico do calor...E agora enquanto desmaio de dor no meu leito...calo-me...e aceito que mais vale perder do que não viver. E amanhã o sol voltará a brilhar. As folhas das árvores continuarão a tremer ao som do vento. E as flores continuarão a colorir as bermas e paisagens. E tu serás mais uma pedra que eu atirarei feliz para um lago, à espera que se afunde e que aumente o vazio dessa imensidão.

- Ele desapareceu?! Tudo porque começaste a amá-lo?

- Talvez...só sei que não me ligou mais e eu fui resistindo a ligar-lhe!

- Como conseguiste?

- Nem sei. Fiz um esforço sobrenatural.



- Por quanto tempo?
- Um mês...

Resisto-te

Resisto ao impulso de ligar-te, de seguir-te, de procurar-te para te ter mais uma vez nos meus braços. Resisto...mas todo o meu corpo implora por ti. Que culpa tenho eu de desejar-te perdidamente? Que culpa tenho eu de amar-te sem limites? Que culpa tenho eu de tu não me amares! E sem piedade usaste-me; e eu ávida de ti agradeço e agradeço. Que jogo este onde o amor saiu derrotado. Porque o meu amor me destrói. E a ti alimenta-te o ego. Neste amor só a derrota me aguarda, enquanto tu que nem um galo cantas vitória.

- Achas mesmo isso!
- Claro que sim...ele queria ter mais uma no seu rol de aventuras.
- Olha que pelo o que tu contas não parece nada.
- Mas porque iria ele ser tão cruel contigo?

Entregar-me para me desencantar

Espero pela Gabriela uma amiga de longa data, sentada naquela mesa onde já é habitual passarmos as tardes de Sábado. Perco-me a seguir as gaivotas que teimosamente permanecem no ar enquanto o mar no fundo da falésia ruga revoltado. Peço uma caipirinha de maracujá e aprecio um casal de namorados que passa por mim de mãos dadas. Sigo-os com nostalgia do meu Leão. Onde andará ele agora? Com quem? Pensará em mim?

- Olá Lueji...deixa-me adivinhar! A pensar no Leão?
- Sim, em quem mais?!
- Tanto homem giro por aí, e tu: Leão, Leão... tens de deixar isso para trás!
- Tenho! Eu sei que tenho... todos os dias me convenço disso, mas este sentimento é mais forte que eu!



- Sabes como é que isso vai passar?
- Como? Tens de estar com ele de forma íntima!
- Achas? E se eu gostar tanto que queira mais...
- Não vai acontecer!
- Não? Como sabes isso? Se eu só de ele me beijar tenho orgasmos... sabes o que é isso?
- Não! Não mesmo. Acho é que estas a enlouquecer. Tens de o ter para te «desencantares», amiga. Vá lá, liga-lhe. Diz que o queres ver e vai a pensar em te entregar por completo. Usa-o sem qualquer pudor. Desfruta e depois esquece-o.
- Vou fazer isso — digo de forma pouco segura, enquanto retiro o telemóvel da mala para lhe ligar.
- Olá, Leão!
- Olha a Sr.^a Lueji! Que fazes?
- Estou com uma amiga a contemplar uma paisagem maravilhosa e lembrei-me de ti. Gostava de te ver.
- Estou a trabalhar em Coimbra e depois vou para o Luso no Domingo. Queres vir ter comigo?
- Quero muito! — digo alegremente.
- Então liga-me quando estiveres em Coimbra ou no Luso.
- Ligo sim, bom trabalho e bom fim-de-semana. — Levanto-me a pular de alegria e abraço a Gabriela enquanto a encho de beijos.
- És doida! És doida! Pareces uma criança que descobriu agora o amor...
- É como eu me sinto. É como eu me sinto...
- E mana, foste ter com ele?
- Claro que sim... e estava tão feliz, que nem consigo descrever. Sentia-me a mulher mais realizada do mundo.



Lueji Dharma

— Nós imaginamos — dizem ambas a rir. Imaginamos como deverias estar...



Salvas-me a alma

É noite e a mata do Buçaco transpira mistério e rumores desconcertantes! Sigo por uma estrada sinuosa em calçada de pedra basáltica ladeada por árvores gigantescas. Travo bruscamente para não atropelar uma raposa que assustada se esconde por entre o breu da noite. Invade-me o medo...tão intensamente que tenho dificuldade em controlar os pedais do carro. Como é que decidi vir para um local ermo a estas horas da noite? Devia ter pernoitado em Coimbra, mas, a loucura de estar mais umas horas com o Leão Magno fez-me cometer este desvario. Será que o caminho é mesmo este? Será que não me enganei? Agora, que remédio tenho senão o de seguir em frente! Continuo por entre o breu do caminho e o denso da floresta, e nenhum sinal de estar próximo de edificações. O meu telemóvel toca...

- Leão?

- Sim, onde é que estás? Estou à tua espera há horas. Sabes que não tenho muito tempo.

- Nunca tens! Mas não te preocupes já cheguei ao Luso e virei no sentido do Hotel Palácio do Buçaco.

- Falta pouco...continua a subir; quando chegares ao hotel dá-me um toque!

- Ok, Leão. Mas não te esqueças de pedir um vinho! O tal, o que sabes que eu gosto!

-Já pedi! Sabes que eu faço tudo para te agradar.

Tudo! Que homem mais convencido. A tua sorte é que eu te amo, perdidamente! Pois, não custava nada teres-me ido buscar a Coimbra. Continuo por entre a escuridão e o nevoeiro denso. Apetece-me regressar...mas, logo afugento o pensamento com dito de um amigo meu: "para trás nem para apanhar balanço". O Leão bem podia ter mexido o seu lindo rabo e ter-me vindo buscar à entrada da mata do Buçaco! Era o mínimo! Subitamente, apercebo-me de um carro parado na estrada. As luzes estão no mínimo. Agora só faltava esta! - suspiro enquanto tranco as portas. O que faz um carro plantado na estrada a estas horas da madrugada? Buzino timidamente, não quero incomodar as trevas! Mais à frente um vulto que se aproxima rapidamente da minha janela! Ponho as mãos na caixa de mudanças e inicio a marcha-atrás para dar de caras com o sorriso perfeito do Leão.

-Delicio-me com as tuas reacções, com os teus medos...desta vez não tiveste tempo de jantar sozinha!!! Dizes a rir-te a bandeiras despregadas.

- Merda! Que raiva! Este gajo consegue sempre enervar-me...deixo-me ficar dentro do carro de braços cruzados. - Agora sofre! Não sei se te abro porta...grito!



Lueji Dharma

- Oh Lueji. Desculpa! Não te queria assustar! Apenas te vim buscar para não ires só até lá cima.

- Podias ter avisado...quiseste assustar-me! Não sejas mentiroso!

- Abre - estou cheio de saudades tuas.

- E eu tuas. Mas agora merecias ficar na rua ao relento e ao frio - digo num tom ameaçador que não convence ninguém. Tens-me pelo beicinho e sabes. Abro-te a porta lentamente, para logo sentir as tuas mãos quentes nas minhas coxas; com força arranhas-me o corpo na direcção do meu rosto. Ofereces-me o melhor beijo da minha vida enquanto me retiras do carro. Fazes-me querer despir-te logo ali, e com as minhas pernas entrelaçadas nas tuas ancas sinto uma brisa fria e húmida percorrer-me a pele quente. Na rua chove e eu sinto-te bem quente. Os teus beijos inundam-me o corpo molhado. As árvores rugem ao som do vento. As folhas revoltam-se com as rajadas. As corujas escutam...Oíço passos, mas esqueço, o universo cala-se...um silêncio profundo. Só a tua respiração, o teu cheiro, o teu sal...amo-te. Quem diz que o amor é instinto de sobrevivência é louco...é antes o prazer da vida...a única razão que nos faz querer continuar a errar, que nos faz sonhar em ser eternamente felizes. Amo-te e sou muito feliz. Mas quero-te mais...e mais...não me canso de ti...não me canso mesmo. Continuas a amar-me profundamente...e a dor que me ofereces, é tão deliciosa. As lágrimas brotam-me dos olhos...perguntas-me se magoas? Claro que sim...magoas-me a carne, mas salvas-me a alma. Abres-me os horizontes, elevas-me o espírito, fazes-me querer voar...perguntas se magoas? Magoas amor, mas é o que me faz falta...continua, não pares nunca...e se parares, vamos repetir, vezes sem conta, uma atrás da outra, sem interrupções, sem relógios, sem horas marcadas...

-Sem comentários! Só não percebo porque não deu certo?

-Pois é...há química e interesse, vocês parecem admirarem-se e completarem-se.

-Acho que ele nunca me amou. Eu é que o amei. E imaginei tudo isto.

-Porque dizes isso?

-Porque ele depois deste encontro nunca mais me disse nada.

-Ai não? Não pode ser?

-E tu?

-Eu tentei dizer-lhe que o amava. Que o nosso amor não merecia um desfecho assim.

-E ele?

-Ele foi frio e cruel...uma verdadeira besta!



Espero que me ligués...

Amanhã espero que me ligués. Que me peças perdão pela tua indiferença. Que finalmente assumas o teu amor por mim. Que me envolvas nos teus braços e me preenchas o coração com amor verdadeiro. Sim, porque contigo quero tudo. Todos os momentos e mais alguns. Não me deixes pendurada à espera, porque tu queres calma. Respeita-me. A nossa história. O meu amor. Aceita mais esta oportunidade de amares. Achas que é fácil encontrar um amor assim tão verdadeiro e genuíno? Preferes a certeza da rotina! O desgaste de uma relação. Ou os engates esporádicos da tua profissão. A mim...um amor verdadeiro. Capaz de ir contigo até aos picos das montanhas e ao fundo dos lagos, desde que a viagem seja ao teu lado. Não receies a minha juventude. As minhas certezas são adultas e esclarecidas. Quero-te até ao fim dos dias e como dizia a canção: Se for morrer quero que seja contigo Leão.

-E continuou a não ligar!

-E tu desististe? Espero bem que sim...ele não merece o teu amor.

-Segui em frente. Afinal, dei o meu máximo.

Amar quem nos rejeita

Hoje li uma frase de Charles Chaplin que diz que "Amar quem nos rejeita é perfeição", senti-me feliz! Porque nestes dias tenho sentido que este amor que acalento é uma total falta de amor-próprio. Amar alguém que não me ama! Dizem-me que é uma humilhação, uma parvoíce pegada, uma criancice...mas que fazer se eu digo ao meu coração para te esquecer, e ele insiste! Diz que vais ser meu...Não sei como! Amei-te incondicionalmente, sem amarras nem perguntas, nem cobranças. E não foi suficiente! Amei-te! Simplesmente...e tu negaste-me o prazer de te amar...só isso...não te quero para meu namorado, para meu marido ou mesmo como amante! Não te quero prender numa personagem que não queiras viver. Só te quero amar, sem truques, nem horas ou falsas modéstias. Quero ser tua. Totalmente tua! Quero que te entregues a mim. Quero-te e quero que me queiras. Simplesmente isso! Por isso, não entendo porque me rejeitas, quando só de me aproximar te encho de tesão! Quando sei que adoras a maneira como te digo Não. A minha rebeldia. Então, porque não? Ao menos uma explicação...

Triste sina a deste amor



Lueji Dharma

É com tristeza que o reconheço: Já não me recordo do teu rosto! Gostava de poder recorrer à minha caixa de lembranças e encontrar-te sorridente como te imagino sempre. Mas nada! Na minha mente apenas um grande vazio...que tu queres à força toda perpetuar. Nada de caos, nada de desordem, somente um grande buraco onde nem o eco da tua voz se ouve. Que triste, que deixes tudo ir assim...para o fundo do poço, sem qualquer remorso. Entristece-me a sina deste amor malfadado que começou a caminho de uma leve cirurgia. Quem diria que essa cirurgia se iria transformar num transplante de coração, sem qualquer cirurgião ou anestesia. Como decidiste abrir-me a caixa torácica para me remover o coração empedernido e substituir por este repleto deste amor sem igual; Como pudeste, sem me consultar entubar as vontades, remover-me o orgulho, libertar-me a raiva, roer-me o instinto e viver de mim. E agora! Onde está o manual para este coração febril e infantil? Que faço? Inspiro e ele bate, expiro e ele parece que explode! Que coração maluco me concedeste! Quem te disse a ti que eu o queria! Agora procuro por entre papéis, e não encontro garantia. Como posso eu o devolver? Esqueceste-te desse grandioso pormenor! Pensavas tu que eu ia sobreviver a tamanho amor?! E tinhas razão...mas não indefinidamente! Por isso te rogo, concede-me a hipótese de ir buscar esse coraçãozito que por aí anda, mesmo empedernido e sem sentido! Porque nas vezes que a vida demanda sempre posso voltar a ele, e viver calmamente na ilusão de que não existe amor verdadeiro, só um grande tesão! Concede-me essa hipótese, eu própria me encarregarei de proceder à reparação. Não te preocupes que não te desejo mal, o mais provável é nem te reconhecer, pela amnésia que provocou esta dor desigual. Sabes, é que o tempo apaga, até a dor mais profunda...E se ainda, não a apagou por completo, é porque eu com este coração gigantesco que me ofereceste, ainda tenho uma réstia de esperança, e toda a confiança que o amor triunfa sempre! E como vencedor que és, saberás reconhecer que um grande amor merece pelo menos a chance de ser vivido!

Medo de dizer amo-te

Cabisbaixo, apareces à minha porta. Olho para ti enquanto me pedes que fale! Queres que eu fale? Depois de te ter amado tanto! E tu retribuído com um solene:

- Gosto de ti boneca! Boneca?! Que queres que eu diga? Protejo-me e com as costas voltadas para ti encaro o relvado do meu jardim:

- Não tenho nada a dizer! Já me deste o que queria! - digo-te com a frieza da doce vingança. Como te sentes agora no lugar de presa?

-Já viste se eu te dissesse algo assim? - perguntas indignado. E eu pouco convencida da tua indignação:

-Mas concerteza encaras positivamente uma mulher dizer-te algo assim. Podes-te considerar elogiado. E tu com ar sério emites uma face de



Lueji Dharma

desaprovação. Pareces magoado embora eu não acredite. Mas mesmo assim coloco a minha mão sobre a tua e peço-te desculpa. Vejo-te desconfortável. Sinto a tua reprovação à minha displicência. Mas que querias que eu fizesse? Que te dissesse que te amava, para me dizeres novamente que não amas. Que te dissesse que te queria! Já não estás farto de saber. Tu é que devias falar e explicar porque não vives simplesmente este amor.

-Disseste-me que não fazia o teu género! - insistes culpando-me do teu *desamor*.

-Sim, não fazias...E eu faço o teu? - verbalizei para logo me arrependei. Já sabia da resposta.

-Não; Prefiro as louras!

-Então porque me procuraste?

-Porque queria experimentar algo diferente - dizes-me sentado ao meu lado, enquanto me seguravas a mão e me olhas docemente nos olhos. Deixo cair a tristeza do meu corpo sobre o teu ombro. Sofro silenciosamente, enquanto te aperto a mão; Que desilusão! Porque escolhes magoar-me assim?!

Mas agora revejo na minha memória a imagem de um filme mudo onde o movimento dos corpos desmente a história das palavras. Vejo a sintonia dos nossos corpos: ambos sentados nas escadas e eu com a cabeça apoiada em ti. Corpos juntos e unidos. A linguagem da intimidade. O conforto, a paz e a alegria de estarmos juntos. Ligando o som a barbárie foge nas palavras que lançamos no ar. Quem juntou duas almas tão diferentes?

Levanta os olhos do chão e diz-me "face-to-face"

Levanta os olhos do chão e encara-me. Diz-me de caras, no teu famoso "face-to-face" que queres dar por terminada esta minha história de amor. Pergunto-te? E enches-te de rodeios, tentas encobrir as provas, aproveitaste dos meus "ses" para justificar os teus "nãos". Encheste-te de mais rodeios...e perguntas-me:

-"Não achas melhor acabar?". Fulmino-te com os olhos. -Responde-me tu! Foste o iniciador deste processo. Redigiste todo o argumento deste filme. Cronometraste os tempos de cada cena. Foste patrocinador, realizador e ao mesmo tempo actor principal (daqueles armados em vedeta que chegam de BMW e partem de limusina e que colecionam tudo o que é miúda loira que lhes atravessa no caminho).

-"É que nos vamos magoar" - acho fenomenal que uses agora no acabar a desculpa que eu usei antes para não iniciar. Mas ao menos fui mais verdadeira, disse que "Para que eu não me magoe" porque sabia que era aprendiz de feiticeira ao pé de ti.

Agora, mestre, invocas medo de te magoar no teu jogo sexual. Tens de me explicar "face-to-face" como é que eu te posso magoar? É que acredita, não



Lueji Dharma

paro de pensar em formas tais, porque gostava que sentisses um bocado da dor que carrego. Medo de te magoares? Tu! O Sr. detentor do prémio da insensibilidade. Que usa, mastiga e deita fora em qualquer canto desde que seja distante. Que se diz amigo e preocupado, mas que na hora do aperto foge para bem longe. Que exerces uma profissão tão nobre, mas que a interrompes e corrompes para poderes caçar e a usas para baralhar as amantes. Tentas justificar a tua vontade de acabar com as frases que te disse. Sê sério, não me faças rir. Não me digas como me disseste: vamos com calma, boneca. Ou melhor diz-me novamente, para que eu arme um imenso pé-de-vento, e te obrigue a contar esse segredo que te obriga a abandonares-me. Como podes dizer que queres acabar, e ao mesmo tempo me desejes intensamente com o teu olhar? Perdoa-me a inconfidência, mas apercebi-me que nas nossas conversas muitas vezes te descontrolavas (pensavas que eu não notava?). E quando te perguntei, mas tu queres-me ou não? E tu a tentar dizer não com a cabeça, respondeste-me "Sim quero!" - cheio de desejo. Confusa insisti! Então qual o problema? Foi quando baixaste os olhos e sorrateiramente saíste da minha vida, com uma expressão de até nunca.

-Que confusão? Olha mana ainda bem que nunca o conheci. Desculpa, mas é um safardanas. Provou ser um homem insensível e, acima de tudo, não era merecedor do teu amor.

-E pior que insensível é falso e mentiroso. Não tem medo de ferir alguém para poder atingir os seus objectivos de garanhão.

-Não vamos julgar...não sabemos as razões dele. Talvez fosse casado e não te quisesse magoar. Talvez, não te amasse e não fosse capaz de to dizer "face-to-face".

Porque não me deixas?

No arrastar dos dias, desenvolvem-se diálogos intermináveis. Telefonema atrás de telefonema, dás-te a conhecer. Dou-me a conhecer. O tempo ocupado rouba-te a presença física. Falamos de tudo e de nada. Os dias passam, na caminhada feita entre bosques, a ouvir a tua voz rouca de uma dimensão sem corpo material. Tempos de modernidade, onde o meu maior contacto físico prende-se a um computador, a um telemóvel e a uma voz. Preferia o tempo das cartas, a esta era digital. Ao menos marcava-se o tempo com registos. Agora, tudo se esvai em segundos. Não há registos para a posteridade. Não quero deixar a história morrer assim. Recupero-me. Velhas paixões. Desenterro do passado o gosto da escrita. Sim, afinal, sempre foi uma paixão.



Passo horas frente a este computador a tentar reescrever todos os nossos momentos. E não me canso porque leio neste livro em letras garrafais o teu nome. Tudo isto me aproxima de ti. Se não te tenho ao menos vivo-te e revivo-te nestes meus textos doridos e cheios de esperança. Sinto falta de te ter. Apetece-me ir a tua casa no silêncio da noite e raptar-te, para te prender no meu quarto. Despir-te com a boca e amor, desculpa, mas não te deixar descansar a noite toda. Pois iria fazer de ti um jardim por plantar, um projecto por finalizar, um livro por escrever, uma vida por viver, uma noite para me perder, um filho por ter...até que finalmente, poderíamos celebrar à medida que sol se levanta lá longe no horizonte. Ia amar-te Leão da lua cheia ao quarto crescente. Porque não me deixas???

Desejei-te...

No outro dia pus-me a pensar em como deixei espaço para entrares na minha vida. E não encontrei resposta. Mas ao deitar, e enquanto adormecia lembrei-me! E corri para o meu diário. Reli as páginas de há 5 anos e fez-se luz. Desejei-te. Pior descrevi-te nesse meu diário inventado que desisti de publicar. Descrevi-te na íntegra, e obtive-te sem saber que não te queria assim. Queria-te mais meigo, mais gentil e mais disponível. E nos meus textos descrevi-te assertivo, simpático, mas cheio de ti, orgulhoso, viril, robusto e ocupado. E parva, porque nos desejos pode-se pedir tudo porque ainda não se paga, esqueci-me de desejar que me amasses. E agora! Um desejo é uma ordem!

Talvez terei que aguardar outros cinco anos por mais uma hipótese de amar alguém como te amei. Mas desta vez, não quero falhar no meu desejo, no meu sonho. E vou começar por pedir que o homem da minha vida me ame. E, por último, seja tudo o que tu és. Mas mais disponível e mais gentil. Quero-te, mais carinhoso e preocupado comigo. Quero-te livre e feliz. E quero-me livre e feliz também. Desta vez não me esqueço de mim, porque não quero voltar amar sem ser amada.

- E esse tal, não poderá ser o Rodrigo?
- Ele é tudo isso que disseste! Não é?
- Ele é melhor que isso! Mas falta a química...é esse o grande problema!
- Química? Isso não existe!
- O pior é que eu sei que existe. Foi essa a certeza que retirei de toda esta história. Existe uma química muito forte que eleva a física ao firmamento.



- E foi o que sentiste por esse Leão Magno?
- Completamente.
- E agora mana? O Rodrigo e o casamento?

Caso? Sim ou Não?

Exposto o segredo de um amor não vivido e de um noivado sem amor, estão ambas à espera de saber a três horas do casamento, se eu vou levar a "farsa" até ao fim. Engulo em seco, mas que me resta, esperar por Leão até morrer? Ou escolher ter um companheiro amigo? O silêncio é avassalador. Ninguém quer adiantar opiniões. Tento ler nos olhares soluções, mas estes viram-se para o infinito, para o tecto, para o chão...mas nunca para mim.

- Tens de ser tu a decidir! Faz o que o coração manda...tu tens a resposta dentro de ti, basta confiares...

- Mas e o Rodrigo? Não merece uma desilusão destas à porta do casamento!

- E merece amar alguém que não o ama? Viver a desejar que alguém o ame?

-Não! Nenhum de vocês merece esse casamento.

-Lueji...nós estaremos contigo...qualquer que seja a tua decisão. Mas não faças nada que não acredites ser verdadeiro...

- Mas ainda tens duas horas para reflectir...pensa bem...nós vamos deixar-te pensar.

Recolho-me no meu quarto entre lágrimas, como deixei arrastar-me para um casamento sem amor. Como voltar a acreditar no amor? Que decisão tomar...ajudem-me porque não sei!!!! Faltam três horas...e estou aqui a escrever estas páginas enquanto espero que a tua personagem me ajude a decidir!!!!!!

Caso ou não? Diz-me!

Caso ou não?....

Escolho viver

Deitada na minha cama, oiço-te silenciar a voz, não queres saber. Encerrada no ermo solitário do coração, percorro a montanha de emoções, e sei ter decisão na palavra.

No silêncio da oração, sabemos sempre qual o caminho. Presos nas amarras do dia-a-dia, lutamos contra o que somos. Ao Deus-dará entregamos o destino. Mas as voltas dadas na ilusão, limitam-nos os sonhos e oferecem pesadelos à



Lueji Dharma

felicidade. E, numa revolta depressiva, culpamos tudo e todos da infelicidade latente.

Paz e serenidade? Não existe! Desistimos, e acomodamo-nos, no acordar dos dias, a uma vida desapaixonada. A magia esvai-se, no crescer da falta de vontade de acordar, no trabalho cada vez mais cansativo, nos amigos incompreensíveis... tudo perde o sentido. Surge, a vontade de silêncio, ou de muito barulho, mas nada de diálogos. Esconde-se a ausência de sentimento e o vazio que nos corrói a alma.

No reflexo espelhado ao próximo, tornamo-nos insossos, cabisbaixos, de sorriso falso. Ostentamos esse sorriso treinado ao espelho para convencer-nos de uma realidade inexistente.

Quem poderá amar esse ser oco e desprovido de capacidade de dar? Sim, porque não se aprende a amar da noite para o dia! Amar assemelha-se muito à matemática...há que praticar, há que exercitar, e acima de tudo multiplicar...para dar, dar e dar sabendo que contra todas fórmulas matemáticas a cada subtracção recebemos mais e mais e mais...

e eu apercebo-me, que todos os dias escolhi não amar para não sofrer. Escolhi esconder-me para não ser, escolhi não me dar contando receber...e agora...que escolho eu? Viver!!!! É isso que escolho: viver, de corpo e alma. Entregar-me sem pensar. Atirar-me de cabeça. Voar sem asas...cair para levantar. Não faz mal, antes uma vida vivida que por viver. Enxugo as lágrimas...componho o vestido! Sinto-me forte...a experiência faz-se de escolhas, e por vezes as mais certas são as mais erradas...

Pois é: certo ou errado? Não sei. Mas escolho não me esconder mais. Não ter medo de ser quem sou! Do que os outros pensam, da vida e do amor. Escolho SER. SER EU. Percebi que essa é a minha responsabilidade. O resto não sei. Por isso e com as lágrimas a correrem-me do rosto retiro a aliança de noivado que coloco dentro do meu relicário. As minhas fotos e do Rodrigo amontoo-as sobre a cama. Quero guardar essa vida perdida. Quero esquecer rápido o quão irresponsável fui. Quero pedir perdão a ti Rodrigo. Mas no fundo sempre soubeste. Estas coisas sabem-se, não é?! Deu-me jeito, não ter que te amar. Deu-te jeito ter alguém que não te procurava, que não te aborrecia com ciúmes bobos, que não te impedia de ir aos jogos ou mesmo às noites de strip com os teus amigos. Era a Lueji a mulher perfeita. A mulher que não tinha ciúmes. Que nem ligava para te incomodar. Era eu...e tu sabias porquê. Porque não te amava. Por isso nunca te incomodava...era de estranhar tamanha sintonia...



Lueji Dharma

A escolha da vida, levaria ao desapontamento de muitos. No desdém, arruaceiro, contemplei a miséria dos homens. E agora com o passar de anos, de toda esta história, repouso o meu ser na eterna questão: Terei tomado a decisão certa?

Gostava de responder entusiasticamente: Sim! Mas, definitivamente, a única certeza é a de ter realizado um compromisso com o meu interior. Superei o medo da separação, da condenação e até do sofrimento.

O caminho certo? É feito por tentativa e erro, experimentando com intensidade os sentimentos e desafios de uma vida. Como posso então saber se é o certo, se inclui erro? Na minha humildade concluí, não há certo ou errado, apenas o meu caminho. E no meu livro arbítrio, guiado pela fé no amor, recebo o bem e o mal, como cruz e benção divina.

A alma gémea existe? - ouvi muitas leitoras perguntar. Vale a pena procurar por ela? Existe uma alma-gémea, ou melhor várias almas-gémeas, em função do grau de evolução da nossa alma. Na altura o Leão Magno era o ideal, talvez, para me fazer despertar para o mundo invisível do amor. Depurada a visão na luz do sofrimento, vislumbrava, a doçura subtil de amar. Talvez fosse essa a missão dele na minha vida.

-E então, qual a tua missão na dele? - indagava uma leitora em dúvida.

-Ahahahaha. Nunca tinha pensado nesse lado, tão centrada em mim. Mas talvez, fosse, despontar nele a responsabilidade pelos actos. Fazê-lo ver que um sentimento tão sublime como o amor não deve ser usado, como isca para caçar carne fresca para satisfação de caprichos.

-Será que ele mudou?

-Tudo é possível.

-Ainda esperas por ele?

-Não espero por ninguém, apenas vivo com uma fé infinita no Amor, e uma certeza: a vitória é constante e certa.

-E o Rodrigo?

Recomeçar

-És um monstro! Gritou ele do alto dos seus dois metros! És uma idiota incurável!!!!!!

Lueji Dharma



-Não me grites, podia nem me ter dado ao trabalho de te vir dizer pessoalmente.

- Era preferível, escusava ver essa tua cara de idiota.

-Rodrigo, mas tinha que to dizer pessoalmente, para bem de ambos. Era o mínimo no meio desta confusão.

-Achas que escolheste uma boa altura? Não podias esperar pela lua-de-mel? Assim, ao menos festejávamos e quando chegássemos da lua-de-mel separávamo-nos. Os divórcios são tão rápidos hoje em dia.

-Não posso. Não consigo continuar a enganar-me e a enganar-te.

-Estava a gozar, neste momento odeio-te tanto... gritou para levantar os punhos cerrados, desferindo um golpe na parede, bem rente à minha face. O sangue jorrou da mão, caindo em gotas no vestido de noiva, eternamente manchado.

-Oh Rodrigo, desculpa! Deixa-me ajudar-te - peço, para o sentir entre salpicos de sangue, segurar-me no braço para me mostrar a porta da rua.

-Não me peças desculpa, simplesmente desaparece...sai!!!!!!!!!!!! E não voltes mais. Não te quero ver nunca mais.

Deço as escadas do prédio lentamente, pisando sobre o tecido deste vestido que me pesa na alma. O chão parece mover-se. As paredes ondulantes perdem a perpendicularidade. Porta fora, encaro a tempestade de frente.

O vento galga violentamente as ruelas da cidade e eu em sentido contrário tento desesperadamente vencê-lo. As minhas lágrimas misturam-se com as gotas de chuva transportadas na ventania. Nada na vida me importa, nem esse vento transformado em furacão que enfrento no regresso a casa. Choro compulsivamente, e, até, agradeço esse vento gélido que me congela as lágrimas e me anestesia o corpo.

Contra todas as leis da protecção retiro o sobretudo e fico em camisa. Agora sim, o meu corpo ficou em sintonia com o meu coração despedaçado. As lágrimas enrolam-se nos meus cabelos compridos e no meu peito despido. As gotas de chuva agora maiores caem abundantemente sobre o meu corpo. Lavam-me a alma. Quero esvaír-me nessa chuvada e ir directa à valeta que leva a esse sumidouro onde tudo desaparece. Mas não, permaneço palpável...A correr para o sumidouro apenas lágrimas salgadas e quentes. Nada mais.

Por mais que implore o sossego da morte, os deuses incitam-me a percorrer essas ruas desertas. Triunfarás - gritam-me, no rugir de trovões!

Fecham-se as janelas à medida que passo. Apesar do barulho ensurdecador dos trovões oiço o reboiço das mãos preocupadas em retirar as roupas dos estendais e, a fechar as janelas com medo de inundações. Inundada, não

Lueji Dharma



recolho a roupa nem fecho as janelas, mas abro o peito a essa tempestade fatal. Procuo o consolo numa pneumonia fatal. Quero que o meu corpo iguale a minha alma e o meu coração.

Voltei a acreditar e voltei a confiar. Voltei a amar e mais uma vez, tudo se desmoronou. Já devia saber serem indomáveis os furacões. Mas mesmo assim, tentei.

- O mar não se encerra. O céu não se fecha. As estrelas não caem - oiço a sabedoria popular suste-se na montaria da realidade. Foste vencida, condenada e humilhada.

Agora percorro essa rua desalentada à espera de uma trovoadas, de um raio fulminante que me eleve o corpo a alma. Escorrego e caio na ausência de espírito. Levanto-me. No corpo mais uma marca, na alma o fogo queima as amarras. Ao fundo a porta de minha casa. Estou quase! - suspiro. Pressinto a suavidade das almofadas, o cheiro dos lençóis, o aroma das velas e o quente dos candeeiros. Inspiro profundamente, sorrio, estou quase. Vou deixar esta tempestade tropical para me remeter ao conforto do meu lar. Quero beber chá com o aroma do gengibre e comer bolachas de chocolate. E amanhã, a tempestade já passou e concerteza o sol brilhará mais forte.

Depois da tempestade

Abro a janela do quarto, lá fora o sol brilha. A chuva fez descobrir as cores escondidas por detrás da poluição. A rua que antes parecia cinzenta irradia luminosidade. O verde das árvores contrasta com o rosa e o amarelo dos prédios. As pedras da calçada de basalto parecem polidas com cera. As janelas lavadas deixam ver o interior das casas sem cortinados. Parece outra rua. Sorrio! Tudo muda, até a minha rua parece especial.

Inspiro profundamente, para perceber ao fim de três anos a fragrância das flores da madressilva que teimosas trepam muros íngrimes. Ainda de robe, poiso o tabuleiro com o pequeno-almoço. Sumo de laranja, torradas com doce de framboesa e café quente. Mais um fim-de-semana solitário. Mas hoje, não me sinto só. A razão anima-se de espírito. Até parece que ontem não foi ontem! E que hoje é um dia de um outro ano. Estou mais velha, ou mais sábia. Mas sinto-me feliz! Algo não bate certo. Quase juro estar a sofrer de uma doença que me destruiu a memória e a noção de tempo.

- *Toctoc* batem-me à porta; não me apetece abrir.



-Toctoctoc - insistem

Estou de robe e cabelo desajeitado. Nos pés as pantufas com gigantes corações, oferta de São Valentim.

- Que se lixe! - digo entre-dentes! Sou mesmo assim... Saio da cozinha curiosa para saber quem me incomoda numa manhã de sábado do dia 11 de Abril. O dia do meu casamento. Deve ser alguém a pedir uma contribuição para alguma causa perdida. Mas até é entusiasmante ter alguém a bater à porta.

- Olá Kalunga! Bom dia.

-Ainda de robe? Veste-te e anda ter comigo ao Recanto do Amor.

-Recanto do Amor, o bar.

-Sim, mas não te atrases.

Uma personagem irreal que deixa cicatrizes reais...

Que seria de mim sem Kalunga, um amigo recente mas que parece ter sido de sempre. Desconfiando da minha ausência prolongada convida-me para um café naquele bar de madeira pintado de azul-esverdeado, com portadas e janelas pintadas de branco. Um bar cheio de recantos e encantos mágicos, onde panos leves e transparentes invadem todo o espaço esvoaçando ao sabor da brisa salgada do mar. A transparência dos panos contrasta drasticamente com a opacidade colorida das almofadas. Encontro Jesus sentado num sofá branco preenchido com almofadas numa paleta de cores rosas e violetas.

- Um canto do amor...diz enquanto se levanta para me abraçar e dar dois beijos carinhosos. Resgata-me as mãos e sentando-se faz-me sentar bem juntinho ao seu corpo.

-Oh Lueji que se passa contigo, querida? Esqueceste de ir casar? - sorri com a benevolência.

-Ando a escrever um novo livro! - cortei a conversa. Não me apetecia falar do meu desaire.

-Ah, por isso andas tão recolhida...a deixar a inspiração fluir. Nunca consegui escrever. - aceitou Kalunga o silêncio de Lueji.

- Mas em compensação projectas obras com grande inspiração.

-Pois, é verdade. Adoro projectar e realizar obras. Gosto de tudo. Desde o processo da concepção da ideia à materialização da mesma. Eu próprio

Lueji Dharma



realizei muitas das obras que projectei. Gosto de me aperceber no local dos defeitos do projecto e remodelar "in locu".

-Eu sei, nem me faças recordar o encanto que é a tua casa. A sala com a parede de vidro a dar para o jardim de oliveiras e seixos rolados. As paredes recortadas em planos inclinados que dão movimento à escadaria que te leva ao primeiro andar. O teu quarto com aquele cubo gigantesco encaixado no tecto, e que à noite se ilumina para a parecer um céu estrelado. És um poeta do espaço.

-Que querida! Diz enquanto me beija as mãos. Adoro esse teu jeito de observar a arte dos outros. Apesar de seres escritoras consegues sair de ti própria para conheceres a alma e o engenho dos outros.

- Sempre consegui perceber os outros...não consigo é por vezes aceitar.

-Mas tens aí algum texto do teu livro...

-Tenho um rascunho que trago para nos intervalos ir revendo os erros.

-Mostra lá, Lueji! Dou-te uma opinião verdadeira.

-Eu sei - digo enquanto retiro da mala o esboço do livro...

-Uma história de amor à procura de um final feliz! Gosto do título...diz enquanto abre o livro para iniciar a leitura.

-Peço um chá de Lúcia-lima e bolachas de manteiga.

-Observo-o...é magro, cabelos grisalhos, de olhos penetrantes e sorriso fácil. No corpo um casaco bege, uma camisa azul, calças de ganga e ténis brancos.

-Oh Lueji, isto é baseado na tua vida?

-Não! - digo peremptoriamente. Não mesmo...

-Então, vou-te dizer um segredo esta personagem, o Leão Magno, saiu deste livro e com um bisturi fez-te essa cicatriz que orgulhosamente ostentas no pulso. Diz enquanto retira os olhos do livro para me olhar nos olhos. Estás sem palavras? Sabes que eu não faço conversas de circunstâncias e não deixo espaço para a imaginação nas minhas frases...o que digo é o que quero dizer.

Lueji Dharma



- Eu sei...mas isso não faz do que dizes a verdade.

-Oh Lueji, tens de ter cuidado com esta tua personagem. Porque ele anda a sair do mundo do irreal para criar cicatrizes reais, daquelas que levam imenso tempo a sarar. E que por vezes sangram eternamente.

- Nunca tive controlo sobre ele - digo a sorrir...por isso é que ele é o Leão Magno - refiro enquanto solto uma gargalhada.

-Claro! Sei bem o que isso é. Porque eu tenho tido muitos problemas desses com a outra personagem - a Lueji. Não há maneira de a trazer para o meu mundo. E olha sou muito persistente e luto pelas almas a conquistar. O teu amor deverá ser para mim, só em mim repousará o teu espírito.

-Oh Kalunga, tu não tens nada de Zé-Zé ou de caçador. Por isso basta convidares-me e eu apareço. Não vês! Adoro a tua companhia, a tua inteligência, a tua arte e a tua simplicidade. Gosto muito de ti...sussuro-lhe ao ouvido. Gosto mesmo de ti...

- Muito ou pouco? Sussuras-me ao ouvido.

-Muito.

- Agora que descobriste o amor, só precisas de amor. *Feel Good! Feel God-* diz Kalunga levantando-se.

Volto para casa contente por ter estado com Kalunga. Que bem que soube a sua mão sobre o meu ombro, a sua mão na minha e os abraços cortados pela sua conversa bem-humorada. Tenho de publicar o meu livro. Talvez aí sinta o fim de um ciclo. E possa recomeçar a viver apenas o Amor. história de amor sem a sombra do Leão Magno.

Cartas de amor

Acordei a escrever-te uma carta. Corrijo um e-mail. Mesmo que te quisesse enviar uma carta não sei a tua morada. Por isso não tenho outra opção que não o digitar neste teclado frio. Antes a emoção do toque da caneta na folha de papel perfumado que ali guardo para ti. Mas com tristeza apercebo-me que também, não tenho o teu e-mail. E agora? Como poderás saber o que sinto. Estas cartas de amor, que todos os dias te dedico. Ficam, assim, lançadas neste livro que desconheces. E tu com esse ego magno permaneces na

Lueji Dharma



ignorância que alguém te coloca no cimo de uma montanha. Alguém, todos os dias deseja que voes mais alto. Que sejas feliz, mesmo sem mim! Oh Meu Deus, que os anjos do amor me iluminem. Que os meus sentimentos guardados nestas palavras, nestes sonhos ficcionados, neste romance inanimado ao menos sejam vistos pelos teus olhos. Para que a tua personagem fale contigo, te conheça melhor, para que ele nos meus textos se pareça mais contigo. Fala com ele, mostra-lhe como és. Para que ele te tome o pulso e o coração, te conheça a alma e os sentimentos. Que salte destas páginas inanimadas e venha viver este amor comigo, já que tu te afiguras impossível. E se ele não saltar para esta dimensão onde te aguardo, ao menos que faça feliz a minha personagem! Deixa que este meu romance tenha um final feliz!

Sonhei que somos felizes

Sonhei que somos felizes! Sabes que o meu sonho era tão verdadeiro que acordei e vi, a casa em que vivíamos com os nossos dois filhos. E foi tão real que senti o perfume da glicínia que plantaste no dia dos meus anos. Senti, o movimento dos girassóis em busca do sol que teima em brilhar sobre o embondeiro, que plantei, como homenagem a ti. Sonhei que sorrias abertamente e que esse sorriso transparecia a tua alma. És feliz, loucamente feliz. E eu sentada no alpendre, a escrever este texto te espero...fiz o bolo de chocolate que adoras e no bule o aroma de chá príncipe...os nossos filhos correm atrás dos cães no jardim que tu teimas em manter perfumado e florido. Claro, que te socorres da tua paisagista preferida e das dicas da tua mãe. Amas-me e é visível, na forma como apressas o passo no regresso a casa. Como me beijas a boca e me perguntas pelo meu dia. Amas-me porque sabes que te amo loucamente. És feliz porque te correspondo intensamente. Somos felizes, porque amamos incondicionalmente. Amamos e amamos...

Abres a porta com a confiança de um príncipe, enquanto os nossos filhos te perseguem. Chamas-me princesa, enquanto desapareces pela casa a dentro. Vejo-te despir a capa de homem para rebolares no jardim com as crianças. Enquanto o cão ladra, a implorar-te por atenção...somos felizes...a noite cai e o cheiro das flores teima em perfumar o nosso quarto. Estás cansado, mas o teu olhar irradia felicidade. Deito-me enquanto lá fora a lua ilumina a tua face. Amo-te Leão.



Um romance fantasiado

O dia acordou luminoso. Tomei um pequeno-almoço com o sumo das laranjas do nosso jardim. Percorri a casa de lés-a-lés. Desci, para voltar a subir. Arrumei. Limpei. E como do nada. Lembrei-me, finalmente, de ti. Oh Meu Deus! Passou-se uma manhã, e nem as flores das laranjeiras, me fizeram lembrar de ter de me lembrar de ti! Como foi possível tamanho esquecimento? Agarrei-me a mim, desfeita, recusando-me a acreditar que me esqueço de ti e do nosso amor. Estás a conseguir o que julgava impossível. Estás a vencer-nos e a perder uma conquista universal. Não te quero deixar desaparecer por entre memórias vagas. Quero juntar todos os pedaços da nossa história neste romance fantasiado. Não te quero perder, sem te gravar nesta história de amor. Receio não ter hipótese de te explicar os desencontros, as minhas meninices, as minhas birras, os meus acessos de indiferença, a minha subida a esse pedestal que me fez cair em queda. Por isso escrevo na esperança que um dia saberás deste livro, que te dedico. Aceito que não me ames, mas porque não gostas de quem sou. Não porque te amedrontas perante este ser indiferente e frio que inventei para não transparecer o quanto te amava. Tens de perceber que me tremiam as pernas como varas verdes ao ver-te. Como te explicar que não te queria ao meu pé, porque não conseguia suportar nestas pernas magras o peso do amor que tenho por ti. Que no peito não me cabia tamanho amor. Não tive tempo para adaptar a minha caixa torácica a este coração transformado em bomba demolidora, que a cada batida empurrava os meus pulmões contra as costelas frágeis. Retirava-me o ar...asfixiava-me. Não percebi, que era tudo um processo. Pensei que morria, que me perdia, que cairia em desgraça. Mas agora vejo, que fazia parte...tinha que me ter deixado tremer, até me segurares. Deixar ficar sem ar até desmaiar nos teus braços. Enfim, cair confiante sobre o teu ser, na certeza que me apanhavas sempre, mesmo quando a escuridão nos cobria os corpos. Duvidei. E no amor não há espaço para dúvidas. Não confiei. E no amor não há espaço para desconfiança. Não acreditei que merecia alguém assim, tão pleno e magno como tu.

Escolher amar

"Se um dia tiver que escolher entre o mundo e o amor. Lembre-se: Se escolher o mundo ficará sem o amor, mas se escolher o amor, com ele conquistará o mundo"

Albert Einstein



Lueji Dharma

Juro que há dias em que penso que já não te quero amar mais. Quero simplesmente deitar, acordar e jamais lembrar de ti. Mas não sei como estou presa nesta teia que teceste, neste labirinto que architectaste, neste mundo que criaste. E eu confiante, contra tudo e todos, todos os dias escolho amar e amar-te. Seria mais fácil inventar uma desculpa para te odiar. Fazer de ti o vilão desta história de amor. Mas, como disse, todos os dias escolho amar e amar-te. Porque acredito que o amor conquista mundos ao mundo. Não sei como, mas também, não me compete a mim saber. Mas sei, que o amor que tenho é transcendental, e como tal, digno de grandes feitos e alcances. Serei tudo aquilo que sonhar, alcançarei tudo aquilo que desejar, viverei com prazer, SEREI EU! E talvez, assim, do alto dessa tua montanha que escolheste habitar para fugir de mim, possas enxergar essa borboleta que quase sem ar atravessou os Himalaias só para te poder beijar. Talvez possas ver essa andorinha que viajou um mundo para te poder confortar. Até, quem sabe possas ver a minha mão que teima em alcançar a tua! E talvez te dignes a baixar para me poderes beijar...

Resgatar meu coração

Tudo se compõe quando menos esperamos. A vida tem o dom da surpresa! E aquela dor que parece colada ao peito desvanece...ai que dor! Começa por se desprender tenuemente até cair definitivamente. E depois como quem já se esqueceu da dor, logo estamos prontos para outra. De novo aquele frio na barriga, aquela felicidade contagiante, aquela música nos lábios, e o brilho no olhar. E amar é mesmo assim. Não vale a pena desistir de amar, pois isso é desistir de VIVER! Isso nunca. Cortei na medicação. Sofro e recupero. Amo e volto amar. E assim acabo, morro para renascer cada vez mais forte e mais viva. Tudo passa! Até aquela dor insuportável que quase nos atira para a cama e que nos arrasta levemente para a depressão. Mas rapidamente me lembro que a depressão não é nada mais que falta de amor por nós próprios. E mesmo na desilusão somos dignos. Mesmo na perda temos orgulho. Mesmo na derrota amamos o inimigo. E aceitamos! Aceitamos humildemente que desistir por vezes é vencer.

Foi dor! Foi horror!
Agora amor! Por favor, liberta-me...
Coloca-me no forno,
Mas chega de banho-maria,
Esturrica-me rápido!
Manda-me para o espaço sideral!
Mas não me deixes em "stand by".



Clicka no off,
Ou toca no *play*, mas esquece o *pause*.
Esquece...porque eu preciso de viver.
Deixo-te ir morrendo dentro de mim,
Mas não te quero esquecer,
Por isso guardo-te e relembro-te,
Revivo-te e aprisiono-te,
Num romance que espero viver.
Já fui, já passou ...
Clicka no pause, no stand-by,
Mete-me em banho-maria,
Que eu já não estou nem aí!!!!
Por isso a dor já não me desalenta!
No sofrimento já não me perco!
Porque perdi o medo...
E sei, que tudo acaba até o horror!
Aiiiii...mas o amor,
Virá...um dia,
E tu não mandarás mais,
Cortei a minha dor,
Cortei a minha respiração,
Resgatei o meu coração....

Espero ouvir a tua voz

Sei que fui insensata! Mas que fazer? Estava morta. E como um sopro de primavera deste-me ânimo. Acordaste-me da minha sonolência. Andava perdida e presa. Imaginem-se numa prisão, privados da liberdade? Julgais que é mau?! E estar livre dentro de uma prisão?! Oh meu Deus que sofrimento!

Tive, novamente, nesse hospital onde tu praticamente vives para realizar os pagamentos da cirurgia e das sessões de fisioterapia. Entrei por aquelas escadas onde te vi observar-me, tirei a senha e revivi todos os momentos que passei até te conhecer. Olhei para as plantas que me pediram para ornamentar a sala de espera das consultas externas. E pedi-lhes para te darem um bom-dia por mim. No ar ecoam os nomes dos pacientes que esperam na sala. Espero ouvir a tua voz a chamar pelo meu nome!!! Como se isso fosse possível. No mínimo espero ouvir-te chamar alguém, quero muito lembrar a tua voz rouca e grave. Mas não! Não me concedes esse prazer. Mas confesso, que saio mais feliz é bom saber que estas por perto: a um passo de mim. Não, não consigo ir à tua sala. Não consigo sequer imaginar-te a tratares-me como se de um cão abandonado se tratasse. Não sou capaz de fazer meu coração passar por mais essa provação. Não sei se seria essa a tua



Lueji Dharma

reação, mas pela forma que me trataste ao telefone, confesso que acredito que sim. Mas saio do hospital mais cheia de ti. Grávida de emoções. Confesso que senti o teu cheiro, o teu perfume no ar. Não sei, como te amo assim?! Um amor tão pouco natural que roça o espiritual. Não digo platónico porque já foi carnal. E como foi!



Atiraste-me do precipício

A vida continua. O tempo pára enquanto desenho no ar o sonho que desejo viver contigo. Agarro punhados de areia que em milésimos de segundo se desfazem nessa praia onde costumás enfrentar as ondas. Se eu conseguisse alcançar-te. Sei que tentei o meu melhor. Enfrentei uma vila pequena cheia de gente ávida de passos em falso. Enfrentei os olhares indiscretos dos vizinhos que ao verem-nos alimentaram o frenesim dessa gente de aldeia que adora saber dos outros. Enfrentei o desconhecido. Arrisquei a minha posição. Atirei-me sem rede. E estatelei-me desse precipício de onde me empurraste. Pois foi, querias que eu soubesse o que era voar, mas esqueceste-te de me dar asas. Agora, vejo que não custa nada voar. Só as primeiras quedas, mas nada que não se resolva num hospital. Mas do fundo do precipício acredito plenamente que vais ser meu. Porque quem tem um amor assim enfrenta qualquer dúvida e confia. Confia que viverá a vida que sonhou. E acredita que atrai tudo o que deseja. És meu! Só não sei como te dar este amor!

Como te dar este amor

Já não sei,
Como te dar o amor que sinto.
Amo-te...como nunca amei.
E é muito injusto não poder amar-te.
Transbordo, corto-me e sofro calada.
E o meu sentimento não te atinge.
Só a mim...sofro por dentro.
Sofro...dói imenso.
E tu...à espera, orgulhoso. Pedes calma.
Ciumento, possessivo. Reclamas vingança.
Não queres dar o braço a torcer,
Que me amas, que me adoras
Que precisas de mim...
Mandas-me ter calma!
Não sei, como quebrar esse orgulho,
Como vergar esse ciúme obstinado,
Tu fazes-me sofrer.
Mas mesmo assim sacudo a tua indiferença,
E enfrento a tua ausência...não desisto!
Persisto! O meu amor merece esta luta...



E eu sei, contra tudo e todos, que me amas.
Confio, não tenho dúvidas...
Eu amo-te!

Transformei este romance num livro e a mim numa escritora.

Pois foi! Publiquei este romance inacabado, que se transformou num livro de uma história de amor. Um livro onde se lê a letra dourada e miudinha: Uma história de amor à procura de um final feliz. Ama-me Leão Magno! Fui à sessão de lançamento deste romance por viver. Estava feliz por ver consagrado numa arte tão nobre o nosso amor, ou desculpa, o meu amor por ti. Que absurdo pressupor que tu me amas...Ouvi elogios, comentários simpáticos, vi lágrimas, vi saudade, e consolo, mas não te vi a ti. E amor, acredita que te procurei...sonhei que me dizias: quero viver este amor contigo. Mas só o vento sussurrou um suspiro ao meu ouvido, e mais nada! Apenas a certeza da minha alma. A tua já duvido que algum dia tenha existido. De tão silencioso que estás nesse lado de onde nunca me vês e nem queres saber de mim. Abandono a sala que decorei a pensar em ti. Cheia de velas aromáticas e candeeiros tortuosos. A brisa que corre dá vida aos cortinados esvoaçantes. Aproximo-me da janela e saio para essa varanda de onde se vê a ponte sobre o Tejo. Permaneço imóvel. Lá dentro a música de Pablo Milanes ecoa...consigo ouvir-te a soletrar a letra da canção. Sinto um calafrio ao imaginar-te a sussurrar ao meu ouvido. Sinto todos os poros da minha nuca e a transpiração das minhas mãos. Sempre tive medo de alturas. Sempre tive frio. Mas agora nesta varanda com vista para o rio e com céu e as estrelas como tecto não tenho medo de nada. Nem mesmo de viver apaixonada.

Descobri que leste o livro

Descobriste! Não sei como? Talvez porque eu apregoei ao mundo inteiro menos a ti: que te amo! Não sei como descobriste o livro que conta essa nossa ou minha história de amor...descobriste! Gostava de ter visto a tua reacção! Foi de felicidade por me ter? Foi de tristeza por ser eu? Foi de raiva por ter exposto esta história? Como te sentes? diz-me...é bom, é mau...ter um amor tão dedicado mesmo que não desejado! Diz-me Leão! Consegues passar ao lado de tanta admiração?! Fala comigo, Leão...mereço no mínimo um sermão! Manda-me dar mil voltas ao bilhar grande! Ou manda-me àquela esquina que



Lueji Dharma

nunca encontrei! Mas manda-me...digna-te a gastar uma frase comigo para que eu possa finalmente ouvir tua voz. Quero acreditar que apreciaste! Que te riste dessa maneira doida que te ris...que me chamaste maluca vezes sem conta. Que voltaste atrás a cada frase para dizer que não foi assim. Conheço-te vais querer reescrever tudo ao teu jeito. Com montes detalhes e táticas de jogo. És um artesão por natureza. Um artista. Vais concerteza querer modificar toda a história a teu belo prazer. Talvez fazer de ti vítima e de mim vilã. Ou se calhar, quem sabe, escolher uma outra para substituir esta Lueji doida por ti. Mas confio e espero, que a parte que faças questão de mudar é esse Até Nunca que me ofereceste.

Cai o Pano

Adivinhaste...finalmente cai o pano sobre a minha história. Uma história cheia de pequenos feitos e grandes defeitos. Sim houve tempos, em que sofri; tempos em que a vida me atirou de grandes aviões sem pára-quadras. Sem palavras o sentimento de perda, de tristeza por vezes assolou. Mas agora timidamente confesso ter feito tudo de forma a ser mais feliz. Talvez possa ser condenada pela impulsividade. Mas os espelhos da rua não me deixam mentir. Eu fiz tudo para ser feliz. Do que me podem julgar? De me sentir viva, de não desperdiçar o prazer de sentir. Eu só quero desfrutar do amor verdadeiro. Entrar nesse mundo dos vivos. Olá! Olá...cheguei...deixei o mundo dos mortos-vivos. Das pessoas mornas para deslizar neste mundo que nos rodeia. E como uma pena voo para onde o vento me leva certa de que chegarei. Planos? Como poderei fazê-los se nem sei se amanhã o vento soprará. Planos? Talvez apaixonar-me; nada mais...e apreciar cada minuto da caminhada, do voo e da pausa. Não desperdiço! Nem os milésimos de segundos...a minha alma enche-se do sopro do vento. Aquece e levita para fora da física. Apenas a química me atrai. Estás aí? Sentes os meus electrões a chocar com os teus protões. Não sei se sentes? Mas eu sinto todas as moléculas do teu corpo...



Um novo amor

-Aprende a recomeçar, Lueji. Diz-me a minha irmã já irritada. Já publicaste o livro. Fecha o ciclo. Dá por encerrado esse amor. Não queiras viver assim. Mereces ser feliz!

-Eu sei...mana. Vou fazer isso.. a partir de hoje.

-Que bom! Mete tudo dentro do baú e atira-o para o lixo. Ou melhor! Se quiseres podemos passar com o carro por cima dele. Esmagá-lo. Reduzi-lo a pó.

-Sim, Tamara. Tens razão. Digo enquanto escondo o meu baú no armário. Nunca o vou destruir. Nunca! Mas vou voltar a viver, agora sem ti! E preparar um espaço para uma nova paixão. E por mais que imagine, só o vejo igual a ti. E que se lixe! Vou recomeçar a amar-te. Mas desta vez sem medo. Da forma que sou. Sei que por mais voltas que dê a este mundo enorme, és tu o meu amor. E não tenho medo de te amar. Que se lixe! És tu! Já vivi mil vidas e em todas te reencontrei. Confesso que não sei o desfecho de cada história, mas em todas te amei. Estou aberta...claro! Até pode surgir uma nova paixão arrebatadora. TU! Decidido. Livre e apaixonado por mim. Sim, uma nova paixão arrebatadora pode surgir. Posso dar de caras com um novo amor. Tu! Mais confiante, mais disponível e a amar-me. Sim, concerteza vou ter um novo amor. Está decido vou recomeçar. Vou preparar o meu coração para um novo amor. Mas que surpresa será ter-te como meu namorado!

- Ai, Lueji porquê que eu sinto que tu não me estás a ouvir!

-Não sei Tamara! Não sei!

Até Breve...

Desde que te perdi, confesso que tentei amar outros. Juro-te que até os achava interessantes, bonitos (mais do que tu!), simpáticos (bem mais do que tu!) e atenciosos (muito mais do que tu!). Até casar tentei para me escapar de ti. Mas ao fim de 30 minutos e às vezes menos, já estava no mundo das comparações. Não sentia frio na barriga, não tinha as mãos a tremer, não sentia aquela vontade louca de beijar, a vontade louca de despir, nada...só simpatia e carinho. Remeto logo as conversas para a amizade e oiço em tom de reclamação:

Lueji Dharma



- Bolas que cortas logo qualquer possibilidade! - mas bem que eu queria poder continuar. Mas não me quero em mais nenhum engano. Sei quem amo. Sei que ele não me ama. Mas que fazer? Viver outro engano? Por isso desisto de me enganar e alimento outras paixões. E depois relato essas minhas paixões nestes livros. Porque com a escrita "entendo melhor o mundo", as diferenças, as ausências e o Amor. Talvez por isso te encontrei, para redescobrir o dom da escrita e assim encontrar-me, para talvez te voltar a encontrar. Até lá, o meu ATÉ BREVE que espero esperançosamente se sobreponha ao teu ATÉ NUNCA. Assim, termino esta história eternamente à espera do meu FINAL FELIZ....

Será miragem?

Passsei o dia a preguiçar no sofá entre livros, a beber chá e a comer bolachinhas de chocolate. Pela primeira vez no ano senti-me em paz e bem com a minha solidão. E sem esperar bateram-me à porta. Sem contar demorei a abri-la. Não me apetecia ver ninguém, nem mesmo tu! Prendi melhor os cabelos e lentamente vi-te pela janela. Recuei assustada. Não pode ser! Enganou-se ou vem rir-se de mim. Não me apetecia abrir. Vi que me viste, e sorriste encabulado. Forcei um sorriso amarelo e abri-te a porta para te dar um gélido: Olá!- seguido de uma ironia simpática -Deves estar a morrer de saudades?

-Posso entrar ou vais continuar a ironizar!

Voltei costas e apressei-me a chegar ao sofá da sala, onde me sentei enquanto ouvi os teus passos confiantes no meu soalho. Senti a casa pulular de alegria, os cortinados bailam com a brisa que trazes e até as plantas parecem ter florido.

-Confesso que estou surpreendida, mas até isso sempre soubeste fazer...reconheço encabulada, afundando-me mais entre as almofadas. E tu meigamente deitaste-te no sofá e recostas a tua cabeça no meu colo. Oh e tudo volta! Basta-me sentir esse teu cheiro, esse teu quente, para te querer amar, mimar, consolar, confortar...leio-te na expressão a tristeza e o cansaço.

- Que tens? - pergunto-te enquanto te vejo fechar os olhos a recordar. Imagino, que não me queiras contar. Tenho a certeza que envolve algo de horrível, tão horrível que preferes não partilhar. Mas pesa-te na alma, e queres conforto, mesmo que não consigas libertar a história que te faz perder o sono, e me procurar a estas horas sem pré-aviso. A tua dor dói...Não choras mas os olhos estão repletos de lágrimas. Abraças-me e beijas-me. Pedes que te console, que partilhe da tua dor. Claro que sim, amo-te e quem ama respeita, aceita e perdoa. Quanto mais, consolar! Não me peças toma como

Lueji Dharma



teu por direito; não te acanhes apodera-te deste amor que tenho para dar. Recebe-o, faz-me feliz. Se não o tens ao menos que não desperdices o meu. Eu tenho muito amor para te dar. Exijo que o gastes, não quero que passe de prazo. Não o quero arrecadado na despensa a ganhar bolor. Usa-o, gasta-o, devora-o mas não o deixes perder a validade.

Um final feliz

Acordei nos teus braços. Reconheço a nossa casa pelos lençóis de linho com remates em bordado Madeira e pelo aroma das madeiras de carvalho que queimam na lareira. Nas nossas mãos as alianças. Parece mentira que tenhamos acabado juntos. Afinal, eu tinha razão és o homem da minha vida. No quarto ao lado dormem os nossos filhos. Olho para esse teu corpo despido que me enche de felicidade. Que bom ter-te ao meu lado. São seis da manhã e eu na cama sem me cansar de te ver. Levanto-me lentamente, não te quero acordar. Nem a ti nem aos meninos que espreito do corredor. Deixo-vos no mundo dos sonhos, para me dedicar a refazer o final deste livro. Devo-o a quem acredita no Amor. E eu acredito! Lutei por ele e aqui estou: a amar profundamente. Entregue a este Amor doido que me preenche a alma e me faz escrever livros sem fim. Pois é, amigas. O Amor venceu! Agora sentada neste alpendre de madeira vejo a realização do meu sonho. O jardim que plantei, a casa que sonhei, a vida que desejei. Vale mesmo a pena acreditar nos sonhos. Vale a pena plantar árvores e flores. Acreditar em anjos e fadas. E entrar sem receio no mundo encantado dos desejos. Porque assim criamos um mundo fantástico que encanta as fadas e borboletas que queremos no nosso jardim. E foi isso que eu não percebi. O Leão sempre me amou, sempre teve o jardim com as melhores flores. Mas descrente magoei sua alma sensível que se fechou em concha. Acreditou que eu era fria, distante e que não o amava. Afastou-se para me deixar semear as flores do meu jardim. Ele sabia que na aridez do deserto só as ervas daninhas podem proliferar. E ele queria mais de nós. Queria o Paraíso. E assim, magoado, mas certo de que a vida me devolveria afastou-se num acto de amor. Queria-me sem dúvidas ou hesitações. Desejava-me confiante e feliz. Queria alguém com capacidade de amar sem condições. Interrompo a escrita porque lá dentro ecoa o choro do meu bebé Gabriel. Corro até ao quarto, para dar com o Leão a embalá-lo no colo. E com um sorriso de orelha a orelha sussurra-me:

-Bom dia, Amor! Cuidado para não acordar a Ema.



Um mundo de sonho

Contigo sou feliz. Contigo o mundo é azul platinado, com nuvens de veludo e areia pintada no tom do ouro. Tu és o meu sol, a minha lua e o mar onde me banho. O rio que me leva e trás. Começo por te namorar para acabar a amar. O sol nasce e põe-se. A lua desce e sobe. E eu não me canso de te querer. És as minhas manhãs, as minhas tardes e as minhas noites. Escurece e tu perdeste-te em mim. Lá fora a lua cheia de curiosidade espreita. Amo-te. Amo o mundo visto da nossa janela. Aquela paisagem que todos os dias pinto na minha tela de sonhos. Aquela tela onde passam as estações e as comemorações. Aquele fundo habitado por fadas e anjos da guarda. Sou eu que vivo em ti. Tu que vives em mim. Nós que vivemos neste mundo real, por mim sonhado. Oiço os comboios e os aviões. Mil viagens. Mil destinos encantados, cheios de mistérios e "genius loci". Oh meu Deus, porque só agora escolhi ser? Porque só agora te fui ter? Tanto tempo desperdiçado. Tanto prazer evitado. Eu carente e tu ausente. Porque não nos cruzamos mais cedo nesta vida de enganos? Porque só nos cruzamos no ponto do desencontro? Mas redesenho as linhas; Torno-as em paralelas que se confundem de tão próximas se encontrarem. Amo-te e tu amas-me. Somos assim a mesma recta, o mesmo princípio e o mesmo fim. E ainda agora estamos no início. Mil aventuras e sonhos se preparam para existir. Anda ser personagem de banda desenhada, herói de um filme de acção, o príncipe encantado desta tua rainha das lundas. Anda amar perdidamente. Receber-me eternamente. Dar-te sempre. Amar muito, muito...

QUE BOM QUE É AMAR ASSIM!

Final Feliz!



Lueji Dharma



LUEJI DHARMA

O lançamento do livro na Ebook Angola

Caro leitor, esperamos que tenha feito uma óptima leitura!

Entre em contacto e envie as suas dicas e sugestões, esperamos por si.

Facebook: Lueji Dharma

Se quiser publicar o seu, contacte:

ebookangola@hotmail.com

www.ebookangola.webnode.pt

Uma História de amor revela-nos a dificuldade de amar e de permanecer a acreditar no amor, mesmo perante a falta de amor que existe no mundo. Um diálogo leve para quem já sofreu ou está a sofrer de amor...